

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO

ANDRE LUÍS DA ROSA

**CRISE, DOCUMENTÁRIO E REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME
“CAPITALISMO: UMA HISTÓRIA DE AMOR”, DE MICHAEL MOORE.**

FLORIANÓPOLIS

2012

ANDRE LUÍS DA ROSA

**CRISE, DOCUMENTÁRIO E REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME
“CAPITALISMO: UMA HISTÓRIA DE AMOR”, DE MICHAEL MOORE.**

Trabalho de Conclusão de Estágio apresentado à disciplina Laboratório de Gestão V – CAD7305, do Curso de Ciências da Administração, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Luís Boeira

FLORIANÓPOLIS

2012

**CRISE, DOCUMENTÁRIO E REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME
“CAPITALISMO: UMA HISTÓRIA DE AMOR”, DE MICHAEL MOORE.**

Este trabalho de Conclusão de Estágio foi julgado adequado e aprovado em sua forma final em 21/12/2012, com nota 8,60 pela Coordenadoria de Estágios do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina e pela banca examinadora, para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Prof. André Luís da Silva Leite Dr.
Coordenador de Estágios

Apresentada à Banca Examinadora integrada pelos professores:

Prof. Sergio Luís Boeira, Dr.
Orientador

Profa. Eloise Helena Livramento Dellagnelo, Dra.
Membro

Prof. Luís Moretto Neto, Dr.

Membro

AGRADECIMENTOS

Difícil tarefa agradecer. Ainda assim tento aqui expressar meus sinceros agradecimentos àqueles que estiveram sempre ao meu lado ou que cruzaram meu caminho em algum momento. Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família. Minha mãe, Zilma, que sempre primou por minha educação, dedicando-se integralmente a nossa família, sendo um exemplo de conduta e valores humanos; meu muito obrigado. A meu segundo pai, Atanázio, pelo incentivo e apoio. A meu irmão Geovani e a minhas irmãs Samara e Valeska, pelo carinho e compreensão. E também, aqueles que optaram pela ausência.

Gostaria de agradecer a Ayres, amigo fiel o qual pude recorrer em momentos difíceis, e que sempre me recebeu de braços abertos e ouvidos atentos. A seus pais: Ayres Jr. e Ione, que em certos momentos tornaram-se minha segunda família. Aos amigos de toda hora: Leticia, Cristiano, Jean. Aos colegas da turma de Administração 2008.1 noturno, particularmente: Camila, Janayna, Breno, Sabrina, Lucas Corbellini e Luciana. Ao professor Dr. Sérgio Luis Boeira pela paciência e profissionalismo.

Em especial, agradeço a Chrystian, por me ouvir, compreender minhas inseguranças e instabilidades, por acreditar na minha capacidade e não me deixar desistir. E acima de tudo, lhe agradeço por um dia ter aceitado compartilhar uma vida comigo.

*"Resta esse constante esforço para caminhar dentro do labirinto
Esse eterno levantar-se depois de cada queda
Essa busca de equilíbrio no fio da navalha
Essa terrível coragem diante do grande medo, e esse medo
Infantil de ter pequenas coragens."*

Vinicius de Moraes

RESUMO

ROSA, Andre Luís da. **Crise, documentário e representação:** uma análise do filme “Capitalismo: uma história de amor”, de Michael Moore. 67f. Trabalho de Conclusão de Estágio (Graduação em Administração). Curso de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Crises econômicas não se limitam aos aspectos financeiros, afetam a vida de muitos cidadãos despertando nestes o questionamento acerca do próprio sistema econômico. Neste sentido Michael Moore procura fazer uma análise do sistema capitalista em seu filme: “Capitalismo: Uma História de Amor” (2009), tendo como âncora a crise americana de 2008. Filmes documentários possuem certa intenção de verossimilhança com o real, informando e despertando seus espectadores para a reflexão acerca do tema. Desta forma, constituem-se como uma forma de representação da realidade social do sujeito que o produz. Este trabalho, de caráter descritivo, busca identificar uma “visão de mundo” do diretor Michael Moore a partir de seu filme, fazendo aporte a teoria das representações sociais de Moscovici. Desta forma, foram levantadas 4 categorias de análise, a saber: capitalismo, crise de 2008, comportamento das organizações (casos de fraudes, escândalos) e *Wall Street*. Ao final, há indícios uma “visão de mundo” de Moore, que seria perpassada por elementos que fogem as categorizações da pesquisa, estando presentes em todas elas. Como sua a ideia de igualdade e justiça; a face inescrupulosa das organizações e de certos conglomerados como *Wall Street*.

Palavras-chave: Documentário, Representação, Capitalismo, Michael Moore.

ABSTRACT

ROSA, Andre Luís da. **Crisis, documentary and representation**: an analysis of the film "Capitalism: A Love Story" by Michael Moore. 67f. Conclusion Work Internship (Graduate Management). Course Administration, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Economic crises are not limited to financial aspects, they affect the lives of many citizens, raising many questions about the economic system itself. Thus, Michael Moore tries to analyze it in his film "Capitalism: A Love Story" (2009), using the American crisis of 2008 as his anchor. Documentaries have some intention of verisimilitude with reality, informing and arousing their viewers to reflect its theme. Being so, they constitute themselves as a form of representation of social reality of the subject that produces it. This descriptive paper seeks to identify a Michael Moore's "world view" from his film, making contribution to Moscovici's theory of social representations. Therefore, four categories of analysis were chosen, namely capitalism, the 2008 crisis, the behavior of organizations (cases of fraud, scandals) and Wall Street. Finally, there is evidence of a "world view" of Moore, which was permeated by elements that came off in the categorizations of research, however present in all of them, as his idea of equality and justice, the face of unscrupulous organizations and certain conglomerates like Wall Street.

Key words: Documentary, Representation, Capitalism, Michael Moore.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 TEMÁTICA	11
2 PROBLEMÁTICA	11
2.2 OBJETIVO GERAL	11
2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1 CINEMA E DOCUMENTÁRIO	12
3.1.1 Cinema	12
3.1.2 Documentário	13
3.1.3 Ponto de Vista no Filme Documentário	15
3.2 REPRESENTAÇÃO	17
3.2.1 Comunicação	18
3.2.2 Metáforas	20
3.2.3 Psicologia Social	23
3.2.4 Representações Sociais	24
4. METODOLOGIA	28
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	29
4.2 OBJETO DE ANÁLISE.....	29
4.3 COLETA DE DADOS	29
5. ANÁLISE	31
5.1 CAPITALISMO: UMA HISTÓRIA DE AMOR.....	31
5.2 CATEGORIZAÇÃO.....	53
5.2.1 Capitalismo	53
5.2.2 Crise de 2008	55
5.2.3 Comportamento das Organizações (Casos de Fraude e Escândalos)	57
5.2.4 Wall Street	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
7 REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

Derivativos, *Home Equity*, *Sub-Prime*. Estas palavras tornaram-se comuns nos noticiários econômicos especializados e até mesmo nos telejornais diários em virtude da crise econômica (político-financeira) que eclodiu em meados de 2008, principalmente nos EUA. Para além de aspectos econômicos; crises provocam instabilidades sociais, dando margem para o questionamento do sistema, suas mazelas, extremismos, e a própria moral vigente. Esta situação possibilita a crítica às instituições e aos sistemas que regem a vida cotidiana, como faz Michael Moore em seu filme: “Capitalismo: uma História de Amor” (2009), visto que filmes documentários possuem, por tradição, certa intenção de verossimilhança com o real, no sentido de mostrar e/ou informar o que acontece.

Filmes documentários ocuparam, por muito tempo, uma posição secundária na indústria cinematográfica se comparados a outras produções. O desenvolvimento tecnológico proporcionou novas formas de documentários, tornando-os, também, mais acessíveis ao grande público. Nesta emergência e consolidação do gênero, destaca-se a figura do diretor Michael Moore, premiado cineasta americano, ganhador do *Oscar* de melhor documentário com “Tiros em Columbine” (2002), vencedor também de diversas premiações do circuito cinematográfico.

Ainda que tentem se aproximar de uma reprodução do real, o objetivo de um filme documentário é denunciar, problematizar e criticar aquilo que se propõe a analisar; despertando no espectador a reflexão e a atenção para o tema. Todavia, este olhar sobre o real, não é isento de opiniões, influências, ideologias e valores. Portanto, se caracteriza como uma representação do sujeito que o produz.

Esses filmes são ricas fontes de informação, embora pouco utilizadas em pesquisas acadêmicas na área de ciências da administração. Talvez pela dificuldade em lidar com uma fonte dinâmica e que congrega uma série de informações (retórica, trilha sonora, imagem), requisitando esforço, ainda maior, de busca e interpretação, para que se possa obter a informação desejada.

Moreira e Oliveira (1998) destacam que um impressionante número de pesquisas sobre representações sociais tem sido feitas nos últimos 30 anos. Sendo investigadas, em estudos descritivos e conceituais, as representações populares de vários objetos sociais, reais ou imaginários. O presente estudo caracteriza-se como descritivo com aporte em representações sociais, contudo, não há ambição de contribuir para a discussão e

epistemologia do campo, simplesmente faz-se uma apropriação da mesma. Todavia, consideram-se também, para fins desse estudo, as imagens da organização, de Morgan, como formas de representação social. Outros estudos de mesmo caráter já foram realizados no campo organizacional, como o artigo de Boeira et. al. (2010) onde os autores analisam diversos filmes documentários com o intuito de problematizar a “(ir)responsabilidade” das organizações retratadas.

Embora tenha clara inspiração no artigo de Boeira, o presente estudo diferencia-se pela profundidade da análise e por seus objetivos, descritos adiante.

1 TEMÁTICA

Crise do sistema socioeconômico segundo o filme documentário “Capitalismo: uma história de amor”, do diretor Michael Moore.

2 PROBLEMÁTICA

Como compreender o documentário “Capitalismo: Uma história de Amor”, do diretor Michael Moore, em termos de representações sociais?

2.2 OBJETIVO GERAL

Compreender o documentário “Capitalismo: Uma história de Amor”, do diretor Michael Moore, em termos de representações sociais.

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Descrever a “visão de mundo” do diretor Michael Moore, reconhecendo-o como formador de opinião.

2. Analisar como o filme “Capitalismo: Uma História de Amor” expressa tal visão, recorrendo à teoria das representações sociais.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta fundamentação é dividida em duas partes, sendo a primeira referente ao tema cinema e documentário e a segunda a representações.

Nesta primeira parte busca-se fundamentar os aspectos particulares do objeto de pesquisa, já que o mesmo diferencia-se das fontes usuais no campo de estudo. Na segunda, o objetivo é buscar na teoria instrumentos para que se possa interpretar o documentário e compreender como a visão do diretor está embutida no filme.

3.1 CINEMA E DOCUMENTÁRIO

3.1.1 Cinema

A invenção do cinematógrafo, primeira máquina capaz de captar imagens, movimento, é cercada de polêmicas: desde a patente original, até a data da primeira exibição. Contudo, tomarei aqui, como marco inicial do cinema, assim como fez Pimenta (2004), o dia 28 de dezembro de 1895, dia em que os irmãos Lumière, inventores do cinematógrafo, projetaram as primeiras imagens em um salão de Paris.

Desde a pré-história o ser humano preocupou-se em representar o mundo que o cercava, assim como seu imaginário, em imagens, desenhos, pinturas. Com o desenvolvimento das tecnologias, não foi mais preciso colocá-las nas paredes das cavernas, passando-as a telas, papéis, fotografias (PIMENTA, 2004). No entanto, faltava ainda o movimento, e a invenção do cinematógrafo revolucionou a forma como representávamos o movimento. Agora podíamos ver com clareza o movimento dos animais, pessoas, objetos, fielmente representados naqueles primeiros vídeos.

“No início, o cinema era um instrumento mecânico que se limitava em captar imagens do cotidiano” (PIMENTA, 2004, p.28). Embora captasse e reproduzisse tais imagens, em seus primórdios o cinema não tinha preocupação com aspectos interpretativos ou estéticos: era apenas reprodução, na maioria das vezes de situações cotidianas, como a saída de operários de uma fábrica.

Vale destacar que o cinematógrafo tinha como função, idealizada por seus inventores, a pesquisa. A ideia de cinema como arte, ficção, surge somente mais tarde. Foi o mágico e

diretor de teatro George Mèliès o primeiro a utilizar o cinema como forma de expressão artística. Seu filme *Viagem à Lua*, de 1902, é um marco, pois traz a tona a ilusão, a fantasia. Segundo Pimenta (2004, p.29) se para os irmãos Lumière o cinema era uma máquina que reproduzia o movimento, para Mèliès era uma máquina que contava histórias.

Ainda hoje vemos a indústria do cinema desenvolvendo o mesmo conceito de Mèliès, a fantasia, com seus efeitos especiais, suas histórias fantásticas, que nos transportam a um mundo imaginário. Ainda que estejamos conscientes da ilusão, o cinema ainda desperta o fascínio das pessoas pelas histórias, pela imagem (PENAFRIA, 2004).

3.1.2 Documentário

A emergência do documentário como gênero de cinematográfico ocorreu no início do século XX, mais especificamente no final da década de 1920, ligado à dita escola inglesa. Já nasceu com a intenção de ser um retrado da realidade, como diz Mascarello (2008), o documentário possui uma forte conotação representacional, ou seja, o sentido de um documento histórico que se quer verídico, comprobatório daquilo que "de fato" ocorreu numa determinada época e local. Está ligado também ao desenvolvimento das ciências humanas no período, especialmente à antropologia e seu método da observação participante, amplamente utilizado desde então.

Uma questão pertinente ao estudo de filmes documentários consiste na dualidade entre ficção e não-ficção, justamente pela posição fluida que estes ocupam em termos de classificação. No que se refere a sua distinção dos demais gêneros Melo (2002, p.28) afirma que a “característica fundamental do documentário é o fato de ser um discurso pessoal de um evento que prioriza exigências mínimas de verossimilhança, literalidade e o registro *in loco*.” Optando por uma visão de documentário como um discurso do real. E continua dizendo:

[...] no documentário ou na reportagem não estamos diante de uma mera documentação, mas de um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos, pois, qualquer relato é sempre resultado de um trabalho de síntese, que envolve a seleção e ordenação de informações, e tal síntese pode variar dependendo da posição ideológica, social, cultural do sujeito que enuncia” (MELO 2002, P. 30).

Assim, o documentário não é uma simples visão de um real dado *a priori*, mas uma (re)construção da realidade a partir de informações levantadas por um sujeito influenciado por

diversos discursos e ideologias, sendo o documentário um resultado dessas posições ideológicas e dos valores do sujeito produtor de tal documento. Continuando, Souza (2008, p.108) enfatiza o caráter ambíguo do documentário:

Ao passo que conduz o espectador para as discussões em torno do “real”, o documentário estimula o exercício da reflexão. Por sua vez, ele não tem a obrigação de captar o todo de um fato ou tema, tampouco de descrevê-lo ou explicá-lo por completo. O importante é perceber com quem ele dialoga em termos políticos, éticos e que leituras produz do assunto abordado.

Neste sentido, compartilha da visão de Melo (2002), o qual acredita que um documentário apresenta exigências mínimas de verossimilhança e consiste numa visão (representação) de quem o produz; a partir de uma análise particular de problemas e/ou questões reais. A importância do autor, portanto, é crucial no desenvolvimento da mensagem e o tipo de abordagem a ser utilizada. Utilizando o conceito de Foucault (retirado de: “O que é um autor?” de 1994) Meneses (2006, p. 83) alerta para a utilização do termo autor:

Pensar em um nome como sendo um *autor*, seria pensá-lo como executando um papel, como cumprindo uma função em relação ao discurso, como assegurando uma função classificatória que permitiria reagrupar textos dentro de um campo de coerência conceitual e teórica, permitindo inferências na direção de constituição de homologias, filiações, autenticações e referências mútuas, de um texto em relação a outros e vice-versa.

O nome de um autor, logo, caracterizaria certo tipo de discurso, caracterizaria um texto que deve ser lido de certo jeito, que deve ser compreendido de certa maneira, que deve ser recebido com certo *status* (Meneses, 2006, p.83), dependendo da postura político/ideológica, estilo, do mesmo. Cabe ao telespectador atentar para a interpretação do que é dito, visto a posição (em termos de lugar na sociedade) e opinião daquele que produz o filme.

Souza (2008) afirma que Podemos ver o documentário com um “gênero do discurso”, segundo a perspectiva Bakhtiniana. O autor afirma que:

Bakhtin considera que, embora cada enunciado possua características individuais, o local e as condições de seu uso geram tipos relativamente estáveis de enunciados, que são os gêneros do discurso, isto é, não apenas o discurso científico ou o romance, mas também as possibilidades “secundárias” como as cartas, os bilhetes, as conversas do cotidiano (p. 107).

Deste modo, se o documentário pode ser visto sob o prisma de um gênero do discurso, e sua narrativa será composta a partir de diversos referenciais (SOUZA, 2008). Mas o que “importa é a forma como os enunciados representam o mundo histórico do qual fazem parte e a construção de sentido pela materialidade da narrativa, isto é, a relação de transparência ou não do documentário com o mundo histórico” (SOUZA, 2008, p. 108). Ou seja, a materialidade da narrativa (retórica, planos de imagens, trilha sonora) deve remeter o público à questão central, fazendo com que os mesmos deem significado àquilo que é transmitido. Para finalizar, Souza (2008, p. 109) nos faz observar que “a suposta apreensão da realidade [objetivo dos documentários] está diretamente vinculada às condições de enunciação. O cinema, como a arte em geral, não traduz ou reflete a realidade, mas a apresenta e a elabora historicamente.”

Vale ressaltar que para os fins deste trabalho toma-se por base a ideia de que a produção documentarista consiste num discurso sobre o real. Indo ao encontro do que crê Souza (2008, p. 107 *apud* Nichols, 1991, p.10): como um discurso sobre o real, o documentário requer uma representabilidade para descrever e interpretar a experiência coletiva reunindo discursos numa constante [re]construção da realidade.

Através de seu documentário, Michael Moore, reconstrói a crise econômico-financeira americana, nos dando a oportunidade de tentar identificar sua visão de mundo, como formador de opinião e importante documentarista, através deste documento.

3.1.3 Ponto de Vista no Filme Documentário

O modo como determinado filme conduz sua narrativa, elenca imagens, sons, falas de personagens, define seu ponto de vista. Este constitui a forma como a realidade é compreendida e representada no filme. Penafria (2001, p.1) destaca o papel dos “atores” no filme documentário, e a relação estabelecida entre esses e o(s) produtor(es), essencial ao desenvolvimento da obra:

A natureza da relação que um realizador de ficção estabelece com os actores é diferente da natureza da relação que um documentarista estabelece com os "actores" do seu filme. Mais correctamente, estes últimos são designados por intervenientes. Um realizador de ficção dirige os actores, é ele que constrói as personagens que os actores interpretam. É ele que decide como devem expressar-se. Um documentarista não dirige actores, não constrói personagens (pode sim, transmitir uma determinada imagem das suas personagens - intervenientes).

No processo de produção do filme não há uma direção específica dos “atores” - ou intervenientes como coloca Penafria. A participação, ainda que independente, de um determinado interveniente, é influenciada pelo contexto em que o diretor o coloca e/ou o aborda, restringindo de certa forma sua autonomia em termos do que relatar ou como agir. Ainda assim, o que vemos em termos de falas ou comportamentos passa também pela pós-produção, onde a decisão do produtor é de extrema importância para reforçar ou até mesmo descaracterizar determinada fala e/ou ato. Por esse motivo é que há grande discussão em termos de enquadramento do gênero entre ficção e não-ficção.

Penafria (2001, p. 2) nos alerta para as semelhanças e diferenças entre um documentário e um filme de ficção:

um documentário pauta-se por uma estrutura dramática e narrativa, que caracteriza o cinema narrativo. A estrutura narrativa implica saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico. A suportar tudo isto deve estar uma ideia a transmitir. Essa ideia a transmitir constitui a visão do realizador sobre determinado assunto.

Por vezes o documentário é construído durante o processo de produção (PENAFRIA, 2001). Através das escolhas do(os) realizador(es), os planos de filmagem, as tomadas, a escolha da trilha sonora, todas essas técnicas dão corpo a mensagem final, orientada pela visão desses. “Cada plano apresenta um determinado ponto de vista, quer o documentarista tenha disso consciência ou não” (PENAFRIA, 2001, p.5).

Assim, percebe-se a ausência de intenção de imparcialidade por parte do produtor, ficando claro ao leitor que o filme é em si, um ponto de vista. No entanto, Penafria (2001, p.5) nos diz que:

O registro de imagens e sons do mundo não reflecte, por si só, o valor e interesse do documentário e, embora condicione, não determina a definição do ponto de vista para um filme. Só a organização/ligação que se cria entre essas imagens e sons é o momento determinante para o ponto de vista.

O ponto de vista, para a autora, é a totalidade do filme, sua produção finalizada, o resultado do trabalho do realizador: “É ao seleccionar e combinar as imagens e sons registrados in loco que o documentarista se expressa (PENAFRIA, 2001, p.5)”.

Para que se possa compreender um filme documentário profundamente, é preciso entender que “o documentarista percorre um caminho e o filme é o resultado desse caminho

percorrido, que se partilha com os espectadores (PENAFRIA, 2001, p.7)”. Embora seja um discurso, uma representação da realidade, ele é uma representação do sujeito que o produz. Deve ser visto de forma ativa, para que o telespectador tenha consciência de que a visão, opinião, representação de determinado indivíduo, não abrange em si a totalidade da questão. É preciso atentar para outros aspectos que, eventualmente, não foram abarcados pelo autor.

Após esta revisão de literatura, cabe ressaltar o caráter subjetivo dos documentários e sua interpretação/representação da realidade, assim como sua utilização para os fins deste estudo. Sendo necessária a contextualização do discurso enunciado, e também a individualidade do autor/produtor. Como nos diz Ferro (1992, p.87):

A análise não incide necessariamente sobre a obra em sua totalidade: ela pode se apoiar sobre extratos, pesquisar “series”, compor conjuntos. E a crítica não se limita ao filme, ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente.

Visto que o contexto afeta, direta e indiretamente, todas as pessoas envolvidas na produção e, conseqüentemente, o resultado final que é apresentado ao telespectador; é essencial que o mesmo seja integrado a análise para que se possa, como nos diz Ferro (1992): “chegar à compreensão [ainda que parcial] não apenas da obra, mas também da realidade que ele representa” (FERRO, 1992, p.87).

3.2 REPRESENTAÇÃO

A ideia de representação é bastante antiga, sendo encontrada em dicionários desde o século XVII (CHARTIER, 2011). De acordo com o minidicionário Ruth Rocha (1996) representação é: “1. Ato de representar. 2. Coisa que representa. 3. Reprodução do que se tem na ideia. 4. Demonstração exterior inerente a um cargo. 5. Exibição. 6. Delegação de poderes. 7. Exibição teatral ou artística.”

Percebe-se que, mesmo antes de uma teoria de representação social, a própria palavra já remetia à ideia de interpretação e/ou mesmo de senso comum; de saber acerca de algo. Porém, antes de entrarmos na discussão acerca de representação e, mais especificamente, representação social; cabe lembrar que este é um tema trans-disciplinar, abordado por diversas ciências, desde a psicologia, psicologia social, antropologia, história e outros campos de

estudos em ciências sociais e sociais aplicadas. Há ainda muita discussão em torno do conceito de representação e seus usos, todavia inúmeros artigos, pesquisas e grupos de estudo se dedicam ao tema.

Deste modo, para entendermos representação e suas ligações com o campo da administração, se faz necessário ter um olhar mais abrangente: perceber os conceitos, as teorias, e compreender que mesmo que utilizem outras nomenclaturas e abordagens, acabam por se apropriar de conceitos e/ou ideias de outras disciplinas; uma vez que o estado das coisas, a forma de pensar da sociedade e do meio científico, faz com que os pesquisadores sejam influenciados por ideias que vão além de seu campo específico de estudo.

Os estudos de comunicação, portanto, são essenciais para a compreensão de um objeto de pesquisa que, por si mesmo, consiste num tipo de mídia, um modo de comunicar-se, um meio pelo qual a informação é veiculada e representada. Seu tema e abordagem acerca do mundo organizacional, e as contradições intrínsecas a este, fazem uma crítica aos paradoxos do sistema econômico vigente. A figura do administrador é de certa forma citada inúmeras vezes - por seu comportamento ético e moral - tendo em vista que as organizações e as consequências de suas atividades passam, também, pela figura de seus dirigentes/administradores.

O uso de metáforas na análise organizacional é bastante comum em administração. Todavia, podemos observá-las sobre a ótica das representações, como representações da organização, seu cotidiano e atores.

A seguir faz-se uma revisão bibliográfica dos conceitos mencionados anteriormente: comunicação, metáforas e representação social, assim como ideias relevantes para uma compreensão destes.

3.2.1 Comunicação

A própria ideia de comunicação, ao mesmo tempo comum e habitual, é também bastante complexa. Segundo os dicionários, comunicação é: “1 Ato de comunicar; informação, aviso. 2 Passagem, caminho, ligação” (Rocha, 1996, p.154). Seu significado está atrelado à ideia de informação e disseminação, constituindo o processo comunicativo, o ato de comunicar, independente do tipo de meio e mensagens veiculadas.

Como dito anteriormente, o objeto de estudo deste trabalho (filme documentário) consiste em um tipo de mídia. Seu objetivo é comunicar ao grande público aquilo que o diretor compreende sobre o tema, incluindo sua crítica ao comportamento das organizações, às práticas de mercado, e questões éticas envolvendo líderes de empresas e também do governo, em relações de conflito de interesses.

Conforme o estudo de Colnago (2006, p. 1), no qual a mesma busca compreender o papel da comunicação na construção e manutenção da imagem da organização:

Atualmente, as exigências que os consumidores impõem às organizações não dizem respeito somente à qualidade e ao preço de seus produtos e serviços, mas também à postura crítica que assumem diante da realidade do mundo dos negócios e ao seu papel como agente transformador e responsável pelo desenvolvimento da sociedade. Em outras palavras, a imagem que uma organização apresenta, defende, e sustenta, é hoje fator crítico para sua sobrevivência, na medida em que é o por meio dela que diversos públicos são informados sobre o que ela é, faz e pretende. Dessa forma, a comunicação nas empresas tornou-se um instrumento prático de transparência, diálogo e negociação, responsável pela integração com e de seus mais diversos públicos, sejam eles colaboradores, clientes, participantes da cadeia de fornecimento, formadores de opinião, comunidades, acionistas e/ou representantes de esferas governamentais.

Ou seja, a comunicação no âmbito organizacional é responsável, também, por aquilo que a sociedade reconhece da organização, seu comportamento, práticas e atores. Todavia, os agentes da comunicação não são somente aqueles envolvidos diretamente com a mesma - como seus colaboradores e/ou agências de publicidade - mas também a sociedade e os formadores de opinião, como Michael Moore, responsável pela produção de filmes documentários que relatam um lado “obscuro” das organizações e do mercado, sua faceta corrupta, antiética e irresponsável. Vale destacar que o mesmo já produziu diversos filmes entre os quais, segundo o site IMDB (*Internet Movie Database*)¹ o documentário mais assistido de todos os tempos (Fahrenheit 11 de Setembro, de 2004), ganhando *status* de grande formador de opinião e crítico de grandes corporações e suas relações com o governo.

Não obstante, a comunicação organizacional ainda priorize uma perspectiva instrumental, no sentido de promover sua imagem e identidade com vistas a melhorar seu desempenho, como nos diz Cardoso (2006, p. 1128):

¹ Disponível em:

<http://www.imdb.com/search/title?genres=documentary&sort=boxoffice_gross_us,desc>. Acesso em: 20 nov 2012.

O domínio do enfoque mecanicista da organização desenvolve uma racionalidade funcional ou instrumental, encorajando as pessoas a obedecerem a ordens e a manterem a sua posição, em vez de se interessarem por desafios e questionarem aquilo que estão fazendo. Esse tipo de racionalidade contrasta com um pensamento reflexivo e auto-organizador que incentiva as pessoas a questionarem a propriedade daquilo que estão fazendo e a modificarem sua ação, ajustando-a a novas situações.

Constatando o modo como a comunicação é entendida e instrumentalizada pelas organizações, Cardoso (2006, p. 1128) afirma que a “comunicação assume, assim, um papel fundamental na absorção e divulgação dos novos paradigmas empresariais, podendo agir como poderosa ferramenta estratégica de gestão.” Configura-se, por conseguinte, como instrumento de dominação e manutenção do *status quo*, e também, de mudança de paradigma e promoção de novos tipos de condutas organizacionais.

A literatura acerca de comunicação no campo das ciências da administração assume diversas perspectivas, desde as mais clássicas, descritivas e instrumentais, descrevendo os processos de comunicação e seus componentes, passando pela análise do discurso, metáforas, entre outros. Scroferneker (2000 *apud* Godoy e Ribeiro, 2009, p. 178) destaca os estudos de Daniels, Spiker e Papa, estes descrevem três perspectivas para a comunicação organizacional, a saber:

1. tradicional – a comunicação pode ser medida, padronizada e classificada;
2. interpretativa – as organizações são vistas como cultura e espaço de negociação das transações e discursos coletivos. A comunicação é um processo por meio do qual ocorre a construção social da realidade organizacional. Os símbolos e as significações são fundamentais nas diversas formas de manifestação do comportamento organizacional;
3. crítica – a organização é vista como espaço de opressão e comunicação é considerada instrumento de dominação.

Em termos de análise organizacional, conforme dito anteriormente, a perspectiva interpretativa parece se adequar mais aos objetivos deste estudo, visto que se faz necessária uma desconstrução da narrativa apresentada no documentário para que se possam identificar outros aspectos para além daqueles apresentados pelo diretor. Somente assim é possível, talvez, identificar possíveis escolhas deste, e conseqüentemente, sua visão de determinados eventos através de suas escolhas e opiniões.

3.2.2 Metáforas

A metáfora, apesar de sua origem ligada à literatura, é comumente usada em estudos no campo da administração, principalmente na análise organizacional. Segundo Putnan, Phillips e Chapman (2004, p. 80) “embora examinadas originalmente como um tropo ou figura literária, são mais do que meros ornamentos da linguagem. Operam múltiplos níveis de análise, fornecendo insights sobre como entendemos a vida organizacional”. Ou seja, é um modo de ver determinado fenômeno, auxiliando na interpretação tornando-o conhecido, próximo.

Dentre os autores ligados as ciências da administração, evidenciam-se os estudos de Morgan (2002) acerca das metáforas utilizadas nos estudos organizacionais. Em seu livro *As imagens da organização*, o autor propõe uma série de metáforas para compreender as organizações modernas, dando impulso à utilização do conceito na área.

Em sua defesa do conceito, o autor busca deixar claro o caráter paradoxal da metáfora: “ao ressaltar certas interpretações, ela empurra outras para um papel secundário” (MORGAN, 2002, p.21). Ou seja, nenhuma metáfora deve ter a ambição da totalidade, já que é inerentemente paradoxal, à medida que o modo de ver daquela metáfora se torna uma maneira de não ver (id, p.23). Ainda que esta maneira de não ver ignore determinadas facetas, cria concomitantemente uma nova metáfora que visa a interpretar justamente os pontos desconhecidos pela primeira. Uma metáfora, então, leva, inevitavelmente a outras metáforas, criando um mosaico de pontos de vista concorrentes e complementares (MORGAN, 2002, p.23).

Pode ser vista, ainda, como “uma expressão linguística particular, que estabelece uma ponte cognitiva entre dois domínios dissimilares. Para alguns teóricos, a metáfora liga conceitos abstratos a coisas concretas” (ORTONY, 1979 apud PUTNAN; PHILLIP; CHAPMAN, 2004, p. 80). Como quando dizemos que a hierarquia é como uma pirâmide: o conceito de hierarquia (abstrato) liga-se dessa forma a figura de uma pirâmide (concreto), facilitando a compreensão e comparação.

Indo ao encontro de Ortony (1979), Morgan (2002, p. 21) acredita que “a metáfora é uma figura de linguagem comparativa frequentemente usada para dar um toque criativo a nossa maneira de falar, como quando dizemos que ‘a vida é um jogo’ ou que ‘o mundo é um palco’.” Através deste toque criativo, podemos comparar o objeto estudado às características evidentes no objeto metafórico; subentendidas pelo leitor.

Conforme Morgan (2002) metáforas são forças primárias através das quais os seres humanos [re]criam significados empregando elementos de sua experiência (normalmente coletiva, no sentido de senso comum) para entender outro. Dando-nos a possibilidade de

alargar nosso pensamento e aprofundar nosso entendimento, permitindo-nos ver as coisas e agir de maneiras novas, auxiliando o processo de aprendizagem (MORGAN, 2002).

São instrumentos valiosos ao pesquisador por serem constitutivas, no sentido de “facilitarem a interpretação da realidade social. De fato, elas delineiam a maneira como vemos o mundo e como lhe atribuímos sentido – orientando nossa percepção, conceituação e entendimento de uma coisa, à luz de outra” (PUTNAN; PHILLIPS; CHAPMAN, 2004, p. 81). Fazem referência a todo um arcabouço de informações que temos a respeito de determinado objeto ou fenômeno, portanto, pode-se utilizá-la para destacar certa conduta, dependendo do objetivo.

Para Putnan, Phillips e Chapman (2004, p. 81) podem ser “provavelmente mais bem entendidas como um sistema de crenças a respeito das relações entre figura e fundo, que serve para realçar certos traços, suprimindo outros.” Cabe, então, ao pesquisador a seleção da metáfora que melhor caracteriza o objeto/fenômeno, atentando para as limitações do instrumento em questão. Pois, “ao mesmo tempo que as metáforas criam conhecimento, elas também distorcem” (MORGAN, 2002, p.26). Novamente Morgan nos alerta para a distorção que as metáforas podem induzir:

A metáfora sempre cria distorções também [...]. A metáfora usa imagens evocativas para criar o que pode ser descrito como falsidades construtivas que, se tomadas literalmente ou ao extremo, tornam-se absurdas: • O homem é um leão. • Ele é valente, forte e feroz. • Mas ele não é coberto de pelos e não tem quatro patas, dentes afiados e um rabo! (MORGAN, 2002, p.22).

Percebem-se as contradições e paradoxos inerentes a ideia de metáfora que auxilia a compreensão, todavia, pode acabar tornando-se inválida se não entendida pelo receptor, como na citação de Morgan, onde o conceito é levado ao extremo.

A metáfora exerce uma influência formativa na linguagem, no campo científico, no modo como pensamos, vemos e nos expressamos cotidianamente, dizendo que A é (ou é como) B (MORGAN, 2002). Fica claro que o desafio consiste em aprender a arte de empregar a metáfora - buscar novos modos de ver, entender e modificar situações (id, 2002):

Quando você reconhece que suas teorias e pontos de vista são metafóricos, você também reconhece suas limitações e encontra maneiras de superá-las. Isto resulta num estilo de pensamento que está sempre aberto e em evolução e é extremamente adequado para se lidar com a complexidade da vida organizacional (MORGAN, 2002, p.24).

Estende-se também para outras análises no campo da administração, não somente a análise da organização em si, mas também os sujeitos, seus comportamentos, seus papéis no

contexto social; todos esses podem ser analisados sob o ponto de vista metafórico. Muito embora não se possam negar as limitações da mesma: “a metáfora que o/a cientista usa para estudar estas tendências latentes *determina o* que ele ou ela vê [...] a realidade é que tem uma tendência de se revelar de acordo com a perspectiva da qual é abordada” (MORGAN, 2002, p.25). Deste modo o sujeito é que representa a realidade de acordo com seus valores compartilhados, suas experiências, ideologias. Parece evidente que Morgan, mesmo que inconscientemente, utiliza ou compartilha conceitos da ² teoria de representações sociais. Parece acreditar que a realidade é em suma representada por aquele que empreende esforço em compreendê-la.

Fica evidente que nos estudos organizacionais usa-se também a noção de representação, ainda que em um nível mais abstrato, como no caso do emprego de metáforas na análise organizacional. Porém, têm se tornado mais comuns os estudos que utilizam o conceito de representações sociais no campo, como: Chanon (2009), Vergara e Ferreira (2007), Waiandt e Davel (2008), entre outros.

3.2.3 Psicologia Social

O nascimento da psicologia social pode ser situado no início do século XX. Sua origem é fortemente ligada à psicologia geral, da qual se apresenta como uma subárea específica, a psicologia social aparece centrada no comportamento do indivíduo quando da presença do outro (CHAMON, 2009, p.2).

Para Ramos (2003) a psicologia social se aproxima da psicologia e da sociologia, todavia é um campo de estudo distinto, utilizando elementos de ambas as ciências, ainda que não se possa delimitar claramente os limites de cada uma. Já McDougall (1926 *apud* RAMOS, 2003, p. 27) propõe um conceito que vai ao encontro dessas ideias:

a psicologia social tem a mostrar como, dadas as tendências inatas e as capacidades do espírito humano individual, toda a complexa vida mental das sociedades é formada por elas e reage, de retorno, sobre o curso do seu desenvolvimento e operação no indivíduo.

Assim, a psicologia social seria uma intersecção entre psicologia e a sociologia, estudando, segundo Ramos (2003, p.28) “não só o indivíduo nas suas reações sociais, como a sociedade nos seus aspectos psicológicos”. Portanto, caberia à psicologia social não somente

² Será discutida adiante.

os aspectos e/ou fatos sociais que desencadeiam reações e/ou comportamentos nos indivíduos, mas também os agrupamentos sociais, seus papéis e comportamentos na sociedade. Sendo a “ciência que busca o estudo sistemático das naturezas e das causas do comportamento humano” (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005, *apud* CHAMON, 2009, p.140).

Para entender a discussão e o conceito de representação social, é necessário ter consciência de que o termo “constitui-se como parte da crítica à psicologia social, principalmente a tradição americana, por seu caráter individualista” (FARR, 1992, *apud* CHAMON, 2009, p.2).

3.2.4 Representações Sociais

O estudo das representações sociais tem início com os trabalhos de Serge Moscovici, em sua obra “A Representação Social da Psicanálise”, publicada em 1961. Seu objetivo era entender como a psicanálise era interpretada, conhecida, percebida, pelos cidadãos comuns de Paris. Assim, o autor desenvolveu o conceito de representação social, buscando entender como essas pessoas pensavam a psicanálise, sendo elas mesmas leigas no assunto.

Para Moscovici (1978) a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto, ainda que não seja uma imagem idêntica a esse; mas um processo de objetivação, em que o sujeito busca em seu arcabouço de imagens, ideias, ideologias, valores, maneiras de compreender aquilo que se diz como real.

Oliveira (2004, p.181) Sintetiza as conclusões de Moscovici em três pontos fundamentais:

- 1) entre o que se acreditava cientificamente ser a psicanálise e o que a sociedade francesa entendia por ela existia um intermediário de peso, as representações sociais; 2) essas representações não eram as mesmas para todos os membros da sociedade, pois dependiam tanto do conhecimento de senso comum (ou popular), como do contexto sociocultural em que os indivíduos estavam inseridos; e 3) no caso de novas situações ou diante de novos objetos, como, por exemplo, a psicanálise, o processo de representar apresentava uma sequência lógica: tornar familiares objetos desconhecidos (novos) por meio de um duplo mecanismo então denominado amarração – “amarrar um barco a um porto seguro”, conceito que logo evoluiu para sua congênere “ancoragem” –, e objetivação, processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar.

Desta forma, o ato de representar passaria necessariamente por dois processos: a ancoragem e a objetivação, contudo estes não ocorrem em uma ordem cronológica, mas concomitantemente. A ancoragem estaria ligada a forma como fazemos ligações, comparações, quando nos deparamos com um conhecimento e/ou objeto novo; inconscientemente o conectamos a outro já conhecido e comum para estabelecer relações no intuito de tornar conhecido, próximo, aquilo que era distante, desconhecido. Já a objetivação consiste na tentativa de “tentar acoplar a palavra à coisa” (MOSCOVICI, 1978, p.111). Tornar real para aquele que representa um esquema conceitual, uma ideia, conceito, através da relação estabelecida com uma imagem concreta. Ou seja, objetivar é reabsorver um excesso de informações de significações materializando-as (MOSCOVICI, 1978).

Para Chamon (2009) o conceito está na raiz do processo de assimilação de conhecimento por um grupo, que o reelabora em um conhecimento novo, através dos processos descritos anteriormente. Entretanto, esta nova elaboração não consiste num conhecimento inteiramente novo, tampouco numa réplica do anterior, mas sim numa reapropriação daquele; sendo influenciado pelo contexto sociocultural e também pelo senso comum. Aquilo que o indivíduo considera como relevante acerca de determinado assunto dará origem a diferentes representações sobre o mesmo objeto; de acordo com as ideias e valores compartilhados pelo sujeito ou grupo. Moreira e Oliveira (1998, p. 3) complementam destacando a característica de “tal conhecimento ser um conjunto coletivamente compartilhado de crenças, imagens, metáforas e símbolos, num grupo, comunidade, sociedade ou cultura”.

Já Moreira e Oliveira (1998, p.3) alertam para o caráter dialógico do conceito: “se por um lado representação social é concebida como um processo social de comunicação e discurso. Por outro são vistas como atributos individuais, como estruturas de conhecimento individualmente acessíveis, embora compartilhadas”. Todavia, estas abordagens não podem ser vistas de forma separada, já que ambas são concomitantes e complementares. Ou seja, a representação social é sim um processo de comunicação e discurso e, ao mesmo tempo, atributos individuais de determinado sujeito, ainda que estes atributos tenham sido construídos socialmente. Chamon (2009, p. 3) compartilha da mesma compreensão quando diz:

Assim, desde suas origens mais que centenárias, o conceito de representação social que Moscovici propõe insiste em seu duplo caráter – social e construtivo. Social, pois a representação não é a soma de consciências individuais, nem a média das opiniões dos indivíduos. Construtivo, pois a representação não é o simples reflexo

de uma realidade exterior, nem a imposição de uma dada ideologia (CHAMON, 2009, p.3).

Não há como determinar que este ou àquele processo determine uma representação; esta é uma construção do sujeito, sendo por isso essencialmente fluida, algo entre o individual (psíquico) e o social, apresentando aspectos de ambos. A força social da representação está no fato de que não é possível separar a contribuição de cada crença, de cada opinião: a representação é uma totalidade estruturada. Os sujeitos, coletivamente, constroem a realidade social individualista (MOSCOVICI, 2001 *apud* CHAMON, 2009, p.3). Segundo Chamon (2009, p.3) “ainda que exista apropriação/reconstrução individual [...], elas transbordam a vida mental do indivíduo isolado e formam uma realidade própria, compondo a identidade de um grupo social, orientando e justificando suas práticas sociais.”

Para Vergara e Ferreira (2007) uma das principais teses defendidas por Moscovici é que seria em função das representações e não necessariamente da realidade, que se movem os indivíduos e as coletividades. Pois a própria realidade seria inalcançável, visto a capacidade limitada do ser humano em compreender e lidar com um objeto novo sem ser influenciado por seu conhecimento anterior. Além disso, o observador em seu ato de observar acaba por interferir no comportamento do objeto, tornando a tarefa de reconhecer o real, impossível. Neste sentido é que Moscovici (1978) defende a ideia de que os indivíduos e os grupos atuam em função de suas representações.

A construção de uma teoria das representações sociais, segundo Chamon (2009, p.41) “parte da compreensão do mundo por meio do senso comum, num processo de mudança constante”. Nesse sentido o objetivo é compreender como alguém (sujeito ou grupo) representa determinado objeto, a si mesmo e/ou outro grupo. Sendo, por conseguinte, importante instrumento de análise, levando-se em consideração os objetivos deste estudo. Como nos diz Moscovici (1978, p. 63) “representar um objeto é, ao mesmo tempo, conferir-lhe o *status* de um *signo*, é conhecê-lo, tornando-o significante.” Desta forma, é tornar comum, conhecer ao ponto de tornar parte do senso comum, porém, neste processo não conserva-se, necessariamente, o conteúdo ou a íntegra do objeto real, como visto.

Para Waiandt e Davel (2008) as representações ligam os significados e a linguagem à cultura. São parte fundamental do processo pelo qual o significado é produzido e trocado no interior de uma cultura. Auxiliam, também, na interpretação do mundo, de certa forma orientando e organizando condutas e relações.

As representações engajam, dessa forma, o sentimento de pertencimento social dos indivíduos com implicações afetivas e normativas, incluindo interiorização de experiências, de práticas, de modelos de condutas, socialmente inculcados e transmitidos pelas interações sociais, ou seja, a comunicação (WAIANDT e DAVEL, 2008, p. 375).

A comunicação grupal, dessa maneira, atuaria com o intuito de compartilhar e moldar determinadas representações no indivíduo, sendo o conteúdo dependente da ideologia ligada àqueles que comunicam. Ao funcionarem como instrumentos de interpretação/leitura da realidade social, as representações fornecem pontos de referência, modelos, códigos de comunicação; contribuem para formar uma visão comum ao serviço de valores, desejos, necessidades e interesses de grupos que as compartilham (WAIANDT e DAVEL, 2008).

Com essa revisão de literatura, percebemos como o conceito de representação social desenvolvido por Serge Moscovici, e também as [re]leituras feitas por Chamon, Vergara, entre outros, contribuem para o objetivo deste trabalho e tornam-se instrumentos fundamentais para o estudo do filme documentário em questão, e a identificação da visão de mundo do sujeito-objeto Michael Moore.

4. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por seu caráter transdisciplinar em virtude da dificuldade de enquadrá-lo em um campo específico: como o organizacional, o sociológico e até mesmo o cinematográfico. Faz-se, então, recurso a teorias que perpassam diversas ciências sem, contudo, enquadrar-se em alguma delas; são essencialmente fluidas.

Uma das dificuldades encontradas ao moldar uma metodologia para o estudo foi a tentativa de lidar com uma teoria desconhecida, até o momento, para um estudante de graduação em administração, devido ao viés hegemonicamente mercadológico e excessivamente operacional da área. Assim, ao optar pelo o estudo de um filme documentário, com o intuito de identificar a “visão de mundo” do diretor, mostrou-se mais coerente recorrer à teoria das representações sociais.

Com esse aporte teórico, buscou-se compreender o filme como uma representação - ou seja, aquilo que Michael Moore expressa no filme seria uma representação acerca da realidade, com base em suas experiências e ideologias. A abordagem não tem como objetivo a identificação de todas as representações presentes no documentário, ou o esgotamento da análise. Assume-se a subjetividade do pesquisador ao identificar, com base em suas próprias representações, aquilo que considera relevante no filme.

Embora desenvolva um processo racional de análise, não se tem a pretensão de observá-lo de uma neutralidade absoluta. Segundo Demo (2001, p. 23):

A realidade é somente objeto. A obsessão pela objetividade (da realidade) e neutralidade (do sujeito) no paradigma modernista da ciência sempre foi marca ostensiva, correspondendo menos ao que seria a realidade, do que às expectativas do método de análise. O pós-modernismo colocou em xeque tais crenças porque são apenas crenças. Acreditamos que vemos a realidade assim como ela é, embora a vejamos assim como podemos.

Assim sendo, há um processo de objetivação, que segundo Demo (2011): é o esforço, ainda que incompleto, de observar a realidade como ela é. Consiste numa tentativa de compreendê-la da forma mais próxima possível, ou seja, entende-se que o objeto é construído, mas nem por isso inventado com montagens teóricas fantasiosas.

Goldenberg (2011) alerta para o fato de que nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. É impossível prever o que acontecerá em todas as etapas. O pesquisador estará sempre em estado de alerta, pois sabe que seu conhecimento é parcial e limitado – o “possível” naquele momento.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Como já apresentado, esta pesquisa classifica-se como descritiva, e estritamente qualitativa. Nas palavras de Vieira e Zouain (2006): pesquisa qualitativa pode ser definida como a que se fundamenta em análises qualitativas, sem a utilização de instrumental estatístico, sendo essencialmente descritivas.

4.2 OBJETO DE ANÁLISE

O objeto de análise é o filme "Capitalismo: Uma História de Amor", do diretor Michael Moore, lançado em 2009. O mesmo aborda a questão da crise econômico-financeira americana de 2008.

Um filme documentário consiste num complexo arcabouço de recursos utilizados pelo diretor para passar ao telespectador sua mensagem. Dificultando, portanto, a tarefa do pesquisador, pois lida com um objeto bastante denso, vivo, dinâmico. As informações contidas nesse são qualitativas, conforme Demo (2001, p. 30):

A informação qualitativa torna-se mais nítida: refere-se àquela ostensivamente interpretada e que lida com o sujeito-objeto, não como mero objeto de análise. Não conseguimos nos comunicar sem sermos parte do processo comunicativo, como sujeito e como sujeito-objeto. A comunicação se faz mais pelo que há implícito do que pelo que é dito explicitamente. Por isso, sempre é possível entender o que o outro diz, mas nunca sabemos bem o que o outro queria dizer.

Por isso, é preciso rever o material diversas vezes, pausar cenas, transcrever falas, atentar para o plano da imagem, a trilha sonora, o narrador, os personagens. Todas essas esferas contêm algum tipo de informação que pode ser relevante para a análise, tornando a tentativa de interpretação bastante trabalhosa.

4.3 COLETA DE DADOS

Assistiu-se ao filme diversas vezes, embora com objetivos diferentes: pré-análise e análise. Primeiramente, buscou-se identificar categorias que facilitassem a análise; questões centrais que trabalhassem como guarda-chuvas, abrigando diversos outros conceitos e opiniões.

A partir do método indutivo, assistiu-se ao filme por mais de três vezes, chegando às seguintes categorias:

TABELA 1: Categorias de análise.

CATEGORIAS DE ANÁLISE
1) Capitalismo
2) Crise de 2008
3) Comportamento das organizações (casos de fraude, escândalos)
4) <i>Wall Street</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2012).

Após este levantamento, assistiu-se ao filme outras vezes, produzindo, então, uma resenha. Esta já se constitui como um instrumento de análise, pois o esforço de síntese e organização das informações retiradas do filme conduz o pesquisador a um processo de objetivação e descrição, portanto, de análise.

Após a extração buscou-se categorizar as informações, enquadrá-las nessas grandes categorias para que se possa dar corpo às ideias de Moore, tentar identificar no filme fragmentos, imagens, falas, que sejam significativamente representativos de tais questões. Sem esquecer que toda tentativa de identificação/interpretação não se pode querer total ou independente, mas pautada, também, pelas intenções opiniões do pesquisador.

5. ANÁLISE

A seguir apresenta-se um pequeno resumo do filme, para que o leitor tenha uma ideia melhor sobre como o diretor aborda a temática, assim como seu posicionamento.

5.1 CAPITALISMO: UMA HISTÓRIA DE AMOR.

O filme começa com o apresentador advertindo aos cardíacos e aos que se assustam facilmente que se retirem do local, pois as cenas são fortes. Logo em seguida vemos diversas imagens de assaltos a bancos.

O filme, então, faz um levantamento histórico tecendo um paralelo entre as mazelas do Império Romano e as imagens de eventos e situações comuns nos EUA atualmente: como a política do pão e circo, e a grande mídia televisiva americana.

é impressionante como um povo tão civilizado quanto os romanos com o sistema de lei mais humano já deixado podia tolerar a violação dos seres humanos. Este desequilíbrio e o comportamento irresponsável de funcionários públicos se transformaram nos principais motivos do declínio de Roma (MOORE, 2009, 2:00min.).

Esse parágrafo é perpassado por diversas cenas de tortura em bases americanas, e por imagens do ex-presidente George W. Bush, como referência aos funcionários públicos irresponsáveis.

Após essa introdução o filme mostra dois casos de despejo, em que as pessoas são obrigadas a abandonar suas próprias casas, sem terem pra onde ir, pois não têm condições de pagarem suas hipotecas. O desespero de um desses cidadãos fica claro em sua fala: "deve haver algum tipo de revolta entre as pessoas que não tem nada e as pessoas que tem tudo... Não existe mais classe média." (MOORE, 2009, 7:50min.).

Complementando, o narrador/diretor diz: "Isso é o capitalismo, um sistema que toma e dá. Ele toma mais do que dá, a única coisa que não sabíamos era quando a revolta ia começar" (MOORE, 2009, 09:58min.). Novamente o cidadão se vê injustiçado e diz: "nós tentamos de tudo, menos assaltar um banco, estou pensando em fazer isso, é uma forma de alguém ter seu dinheiro de volta. Eles fizeram isso comigo, não sei por que não posso fazer isso com eles?" (MOORE, 2009, 10:19min.).

Para firmar seu ponto de vista o diretor mostra o lado de quem "toma", no caso, a Imobiliária Abutres de condomínio, de Peter Zalesviski, um "imobiliário em ascensão". Sua

empresa lida com clientes que compram casas confiscadas e depois as vendem com lucro. O proprietário explica o significado do nome de sua empresa:

O abutre, basicamente, simboliza um oportunista, que vai lá e limpa a carcaça, porque ele lida com muitos germes e situações diferentes. Terá que vomitar em si mesmo, e ocorre um tipo de processo de limpeza. Os abutres não matam, eles fazem a limpeza. O que nós fazemos é clicar nos dados e *boom, vai a lá...* Ao coletarmos os dados eles não dão um *insight* do campo de batalha, é quase como um avião sobrevoando o campo de batalha no Afeganistão, Paquistão ou Iraque (MOORE, 2009, 11:25min.).

Peter Zalesviski continua: "nossos clientes estão usando estes dados para irem lá e tentarem roubar estas propriedades, legal e eticamente, mas pagando o preço mais baixo possível, o negócio é aproveitar o momento" (MOORE, 2009, 12:23min.). O empresário parece não se preocupar com a situação das pessoas despejadas ou porquê perderam suas casas. Parece naturalizar a situação: "Isso é o capitalismo, por isso a informação é tão crucial [...]" (MOORE, 2009, 12:45min.). Ironiza até mesmo seu símbolo empresarial: "Alguém me perguntou: qual a diferença entre você e um abutre? É muito simples, eu não vomito em mim mesmo" (MOORE, 2009, 13:05min.). Finalizando com uma risada.

Após essa introdução, o filme caminha para outra direção, no sentido de problematizar o próprio sistema capitalista, e a certeza de sua superioridade. Primeiramente, discutindo e explanando os conceitos centrais do sistema: "livre empresa, competição, intenção de lucro" (MOORE, 2009, 15:05min.). Faz-se um referencial histórico do capitalismo americano, iniciando no pós-guerra, com o desenvolvimento da economia, e a emergência da classe média e dos novos ricos. O narrador/diretor faz isso através da figura do pai, mostrando como era a vida durante sua infância, com o pai tendo condições de comprar e pagar a casa própria, de ter acesso a carros, viagens, férias.

Ao citar todo esse modo de vida e direitos da classe média americana, o narrador/diretor faz questão de explicar o porquê: "Alcançamos tudo isso porque nossa principal competição industrial foi reduzida a lixo" (MOORE, 2009, 16:50min.). Com seu estilo irônico, Moore contrasta essa frase com cenas da Segunda Guerra Mundial, mostrando parques industriais arrasados por bombas, aos pedaços, destruídos. "Acho que você diria que é fácil ser o número um quando você não tem concorrentes" (MOORE, 2009, 17:03min.), responde.

Após questionar o modo de vida da classe média do pós-guerra, o diretor vai expor seu ponto vista acerca da ascensão de Ronald Reagan; nas suas palavras: "o mais famoso porta voz empresarial dos anos 50" (MOORE, 2009, 19:00min.). O faz bombardeando o espectador

com propagandas e slogans de produtos vendidos pelo futuro presidente. E sentencia: "*Wall Street* achara seu homem" (MOORE, 2009, 19:17min.).

"Os bancos e corporações tinham um plano simples: reconstruir o EUA para servi-los. Mas para realizar esse objetivo, era necessário eleger um porta-voz modelo para presidente. E em quatro de novembro de 1980, foi o que fizemos³" (MOORE, 2009, 19:21min.). Em seu balanço sobre o governo Reagan, a crítica é voraz. "Foi um momento histórico, pois naquele momento, as empresas americanas e *Wall Street* estavam quase que no controle absoluto" (MOORE, 2009, 19:43min.). O plano de imagem utilizada para fortalecer o argumento é emblemático: o momento em que o próprio Reagan discursa na abertura da bolsa de valores de Nova York, cercado por executivos da indústria financeira, alguns destes futuros líderes de seu governo.

O narrador/diretor argumenta que foi a partir do governo de Reagan, que os principais executivos das grandes corporações financeiras passam a atuar também no comando das instituições do Estado; estas responsáveis pela regulação e fiscalização dos mercados onde as primeiras atuam. Para enfatizar a mudança de paradigma e o conflito de interesse Moore afirma: "o país agora seria governado como uma corporação" (MOORE., 2009, 20:43min) .

O narrador parece se posicionar de forma explícita contra o governo Reagan, em virtude do que expressa a respeito do período, como na fala: "Na verdade o que Reagan comandava era o desmantelamento de nossa infraestrutura industrial" (MOORE., 2009, 21:15min.). Afirma também que as empresas americanas tiveram lucros recordes no período e que o presidente governava para os mais ricos, reduzindo os impostos destes e penalizando os mais pobres com aumento do desemprego, endividamento enquanto os índices financeiros das empresas e bolsas de valores apresentavam cifras inéditas.

A partir desta constatação o narrador/diretor volta ao presente para mostrar o caso dos operários de Chicago que entraram em greve para reivindicar seus direitos. A empresa em que trabalhavam havia sido tomada pelo *Bank of America*, pois não tinha condições de pagar seus empréstimos. Os funcionários perderam seus empregos e não receberam nenhum direito que lhes era devido, motivo da greve.

Moore, através deste caso tenta mostrar como a economia estava em crise e como as autoridades se comportavam, para isso utiliza o discurso do então presidente Bush:

Quando opiniões de esquerda e de direita comparam o sistema de livre empresa com a ganância, exploração, e fracasso... O capitalismo oferece às pessoas a liberdade de escolher onde trabalham e o que fazem; a liberdade para comprar e vender produtos

³ Reagan assume como 49º presidente dos EUA.

que o povo quer... Se você procura justiça social e dignidade humana, o sistema de mercado livre é o caminho” (MOORE, 2009, 29:28min.).

Entre uma frase e outra, surgem casos de pessoas desempregadas; empresas que de placas que passam a ter grande parte de seu faturamento ligado a venda de placas com os dizeres: "vende-se"; e por fim, ao falar de justiça social, o narrador conta a história de uma cidade do estado da Pensilvânia, onde o centro de detenção juvenil foi privatizado e passou a elevar seu nível de condenações ao absurdo, visando aumentar a margem de lucro, já que o faturamento estava ligado ao número de jovens detidos.

Com diversos depoimentos dos próprios jovens que foram detidos, mostra-se como o sistema de justiça da cidade tratava seus jovens, chegando ao ponto de uma adolescente ser presa por brigar com a melhor amiga em um Shopping Center. Porque o centro de detenção tinha por fim o lucro, assim havia um acordo entre os dois juízes da cidade e os empresários responsáveis pelo empreendimento, em que parte do lucro era repassada aos primeiros. "...6500 crianças e adolescentes foram condenados injustamente" (MOORE, 2009, 33:40min.).

Com tom irônico e sarcástico, o narrador finaliza: “Por que sempre que uma unidade governamental se transforma numa corporação lucrativa os deveres que deveria estar cumprindo, o que você espera que aconteça?” (MOORE, 2009, 34:33min.).

Continuando seu raciocínio, do desmantelamento dos sindicatos e das injustas relações de trabalho, o diretor caminha para o exemplo dos pilotos profissionais americanos. Por meio de depoimentos, mostra-se a situação financeira destes profissionais: a maioria tem dois empregos, possui dívida de crédito estudantil e jornada de trabalho excessiva. Percebe-se referência ao governo Reagan e sua política de endividamento interno, principalmente nos créditos estudantis.

A imagem do piloto Chesley Sullenberger, da US Airways, que aterrissou um avião no Rio Hutson, em Nova York também é utilizada como símbolo de uma categoria abandonada pelas políticas públicas de proteção aos trabalhadores, pelo desmantelamento de seus sindicatos, pela flexibilização desacerbada das relações de trabalho, legadas aos interesses do mercado, da lei da oferta e da procura.

Continuando a demonstrar casos de fraudes e escândalos envolvendo corporações, o diretor aborda o escândalo dos "caipiras mortos". Grandes empresas acordavam com seguradoras para contratar seguros de vida para seus colaboradores, todavia, o beneficiário da apólice era a própria empresa, pessoa jurídica. Assim, podia-se lucrar com a morte de seus próprios trabalhadores. Com a mesma abordagem de depoimentos, onde as famílias das

vitimas são mostradas e tem a oportunidade de se manifestarem. Cena em que a viúva conta a Moore que o banco em que o marido trabalhava faturou mais de um milhão e meio de dólares com a morte do mesmo.

Michael D. Mayers, advogado que investigou o caso, diz:

Você faz um seguro de vida pra garantir o futuro da sua família e não passar necessidade. Você não quer que ninguém morra. Estas apólices, as empresas que as compram, querem que os funcionários morram, de acordo com a política de projeções. Você é mais valioso morto, para uma empresa, do que vivo. (MOORE, 2009, 42:27min.).

Ainda segundo o mesmo advogado, diversas empresas compraram este tipo de seguro, entre elas grandes corporações tidas como exemplos de gestão profissional: *Bank of America*, *Citibank*, *Winn Dixie*, *Procter and Gamble*, *Nestle*, *AT&T*, *HERSHEYS*, *WALL MART*, *American Express*, entre outras.

Partindo para o discurso religioso (para adiante contrapô-lo ao "lugar sagrado" para os executivos, *Wall Street*), o narrador nos leva a conversar com o padre que celebrou seu casamento. E fica surpreso ao perguntar-lhe: O capitalismo é pecado? "O capitalismo é errado, e por isso ele tem que ser eliminado." (MOORE, 2009, 49:35min.). Impressionado com a opinião radical, na sua visão, do Padre Dick Preston, o mesmo busca uma segunda opinião, a do padre que realizou o casamento de sua irmã, Peter Doughert, que diz: "É imoral, é obsceno, é um absurdo... É um verdadeiro mal" (MOORE, 2009, 49:50min.). Não satisfeito, procurou também o bispo, que compartilhou da mesma visão dos anteriores.

Deste modo, o que levaria as pessoas a aguentarem o sistema por tanto tempo? Para o padre Peter Doughert, a propaganda: "O sistema foi o resultado do que chamamos de propaganda" (MOORE, 2009, 50:37min.). E continua: "E eu fico pasmo com a propaganda, a habilidade de convencer as pessoas que são vitimadas pelo próprio sistema a apoiar o sistema, e considerá-lo um bem." Para reforçar a ideia da propaganda capitalista, o corte da câmera revela um narrador que parece estar ambientado na década de 50, com imagens em preto e branco, dizendo: "sabemos que o capitalismo é moralmente certo, porque seus elementos principais: a propriedade privada, a intenção de lucro e o mercado competitivo são saudáveis e bons. Eles são compatíveis com as leis de deus e os ensinamentos bíblia." (MOORE, 2009, 50:52min.).

Ao fundo ouve-se a trilha sonora típica dos números de ilusionismo, remetendo o espectador à ideia de hipnose; para reforçá-la vemos também um mágico tentando hipnotizar um homem. Ouve-se a repetição da mensagem anterior: "compatíveis com os ensinamentos

de Deus e da bíblia." Enquanto novas cenas de hipnose são mostradas, após o próprio diretor dar seu ponto de vista: "E se o aumento dos lucros significa prender algumas crianças ou ganhar dinheiro com a morte de um funcionário... É moralmente correto para sustentar os acionistas" (MOORE, 2009, 51:18min.).

Nesse clima de tensão, manipulação, ilusão, o narrador/diretor continua: "Dívida, despejo e exploração. Para quem nós realmente estávamos jurando lealdade?" (MOORE, 2009, 51:34min.). Ao fundo veem-se imagens, ainda em preto e branco, de crianças jurando a bandeira americana em escolas primárias.

Finalizando seu raciocínio, Michael Moore, diz: "E assim, todos os bons americanos vieram a agir como se acreditassem que nosso sistema econômico capitalista fosse compatível com os ensinamentos da bíblia" (MOORE, 2009, 51:46min.).

Exaltando a posição política da igreja católica, como aquela que lutou pelos pobres, pelos direitos humanos, pelo fim da guerra, entre outras benfeitorias. Colocando-se pessoalmente, Morre, diz que os padres lhe ensinaram:

Claramente o que Jesus pregou: os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros, que dificilmente um rico entrará no reino dos céus, que seremos julgados pela forma que tratamos os pobres entre nós, e que não existe ninguém mais importante pra deus do que os pobres. Desde aquela época, parece que Jesus foi mal interpretado por muitas pessoas que acreditam que o filho de deus foi enviado aqui para criar o paraíso na terra para os ricos (MOORE, 2009, 52:28min.).

Esses planos são bastante importantes, pois destacam a visão do diretor/narrador sobre o governo, o capitalismo e também *Wall Street*, todos esses muito presentes no filme. Enquanto discursa, ao fundo aparecem imagens de pessoas vivendo nas ruas, do próprio presidente Bush (quando faz referência às pessoas que acreditam que Jesus foi enviado para criar o paraíso na terra para os ricos), e por fim a fachada da bolsa de valores de Nova York. "Devo ter pulado essa parte a bíblia onde Jesus se tornou um capitalista." (MOORE, 2009, 53:00min.).

Usando seu estilo sarcástico, Moore, faz uma montagem com o filme "A paixão de Cristo", onde um homem pergunta a Jesus: o que deve fazer para ter a vida eterna? Resposta: "Siga adiante e maximize os lucros" (MOORE, 2009, 53:10min.). Outro homem também questiona Jesus: "Você diz que o reino dos céus está próximo, mas quando, exatamente, ele virá? Jesus responde: "Quando você desregulamentar a indústria bancária" (MOORE, 2009, 53:19min.).

Após todo esse recurso do discurso religioso acerca do capitalismo, o diretor parece finalmente mostrar seu objetivo, comparar o sagrado - tido por ele mesmo como ligado às

causas sociais, igualdade entre as pessoas e a ideia de que os pobres serão levados aos céus - com a fala de um alto executivo de *Wall Street*, Phill Gramm, vice-presidente do *UBS*, banco de investimento, e ex-senador: "Quando estou em *Wall Street* e percebo que ali é o nervo central do capitalismo americano, eu percebo que o capitalismo fez com os trabalhadores do país, para mim é um lugar sagrado" (MOORE, 2009, 53:55min.).

Com essa comparação de lugares sagrados e pontos de vista acerca do capitalismo, Morre, da à impressão de dividir o filme em duas partes, a primeira ligada às origens da crise, e ao capitalismo em si, e a segunda especificamente acerca da crise de 2008.

A segunda começando com o vazamento de um memorando secreto do *CitiGroup*, no qual a organização relata a atual situação de desigualdade nos Estados Unidos Da América. Surpreende a grande desigualdade social, onde 1% da população possuía fortuna equivalente a 95% da riqueza dos demais cidadãos, somadas. Com isso *CitiGroup*, acreditava que os EUA teriam se tornado uma plutocracia (sistema político em que o poder é exercido pelo grupo mais rico). Sendo governo por e para a nova aristocracia. O relatório também relata um problema:

De acordo com o *CitiGroup*, a ameaça mais poderosa e imediata seria a exigência da sociedade de ter uma parte justa da riqueza. Em outras palavras, os caipiras podiam se revoltar. O *CitiGroup* lamentou que os menos abastados não podiam ter tanto poder econômico, mas ele tem o poder de voto igual ao dos ricos, uma pessoa, um voto. E isso é o que realmente os assusta, que nós ainda podemos votar, na verdade temos 99% dos votos, eles só têm 1%. Então por que os 99% aguentam isso? De acordo com o *CitiGroup* é porque a maioria do eleitorado acredita que poderão ter a chance de se tornarem prósperos, se continuarem tentando o bastante (MOORE, 2009, 55:50min.).

Ao fundo, a imagem de um cachorro pulando a beira da mesa de jantar, olhando, faminto, para um pedaço de carne simboliza o eleitorado americano. Sugerindo que Moore não crê ser possível a ascensão social dos mais pobres.

"Os ricos estavam satisfeitos que tantas pessoas se envolveram no sonho americano... Enquanto eles, os ricos, não tinham a mínima intenção de dividi-lo com ninguém." (MOORE, 2009, 56:40min.). Como de costume, a imagem ao fundo expressa ironicamente o ponto de vista do diretor, desta vez um cão labrador, com um biscoito no focinho, ao final da fala, o cão vira-se e abocanha todo o biscoito.

Continuando, vemos o depoimento do membro do conselho editorial do *Wall Street Journal*, Stefen Moore:

Eu acho que o capitalismo é muito mais importante do que a democracia, eu nem acredito muito na democracia, eu sempre achei que a democracia pode ser dois lobos e uma ovelha decidindo no que ter para o jantar... Eu sou a favor das pessoas terem

direito ao voto e coisas do gênero, mas é que tem muitos países que tem o direito do voto e continuam pobres... A democracia nem sempre leva a uma boa economia, ou a um bom sistema político. Com o capitalismo você é livre para fazer o que quiser, para se tornar seja lá o que você quiser, não quer dizer que terá sucesso (MOORE, 2009, 56:54min.).

Em dúvida, Moore, vai consultar a constituição americana original, em Washington, para "verificar se aquilo era verdade".

Não havia nenhuma referência ao mercado livre, a livre empresa ou ao capitalismo em lugar nenhum. Na verdade só o que vi foi nós, o povo. E alguma coisa sobre uma união mais perfeita, promovendo o bem estar geral. Bem estar? União? Nós? Isso parecia um outro "ismo"... Mas não isso é democracia (MOORE, 2009, 58:00min.).

Percebe-se, ao longo de sua crítica ao capitalismo, que Moore poucas vezes faz menção ao socialismo, como a cena citada acima, em que os valores descritos na carta magna, para ele, se assemelhavam ao socialismo. Dando continuidade a seu pensamento, uma dúvida surge: "Como seria se o local de trabalho fosse uma democracia?" Com esse questionamento o narrador/diretor parece conceber uma via alternativa ao capitalismo que crítica: empresas democráticas em que todos os colaboradores têm poder de voto nas decisões, e são tratados de forma igualitária, sendo realmente proprietários de tais empreendimentos, como sócios.

Primeiramente uma empresa de engenharia que produz máquinas para linha de produção em indústrias farmacêuticas. Um dos colaboradores diz: "É uma operação que funciona democraticamente, em que cada membro tem um voto e esse voto é a voz. O dinheiro fica fora da equação (MOORE, 2009, 59:18min.)."

Novamente usa-se da contradição intrínseca ao sistema capitalista para demonstrar que as relações de trabalho podem sim, serem revistas no intuito de promover maior igualdade e qualidade de vida:

imagine só se seu local de trabalho fosse administrado por você e seus colegas de trabalho. Você provavelmente não demitiria seus colegas para aumentar o valor de sua ação, não é?... Ou daria a você mesmo um aumento de salário enquanto reduziria o salário dos seus colegas de trabalho (MOORE, 2009, 59:55min.).

Estas práticas, comuns no mercado americano, deixam os colaboradores da empresa - apontada como exemplo por Moore - perplexo: "Aqui você nem pode fazer isso, pois todos olhariam pra você e se perguntariam: por que esse cara é tão ganancioso? (MOORE, 2009, 60:12min.)." Ou seja, Moore, dá indícios de crer num conceito de democracia que não se opõe completamente ao capitalismo, no entanto, promove igualdade de fato entre os indivíduos, não apenas uma teórica igualdade de oportunidades, mas uma igualdade de direitos e deveres.

Apesar de argumentar a favor do fim do capitalismo, parece manter relações capitalistas entre empresas, ainda que sob uma ótica mais justa e igualitária.

Outra empresa é utilizada como exemplo pelo diretor, uma fabrica de pães, localizada na Califórnia. Esta funciona como uma cooperativa, onde todos os membros recebem o mesmo salário, variando conforme o desempenho da empresa.

O diretor geral da fabrica diz:

Eu só espero que as pessoas notem esse tipo de atividade organizacional e comecem a considerá-la como uma alternativa. Por que quer ficar mais rico? Quantos carros você realmente precisa na vida? (MOORE, 2009, 61:17min.).

Assim Moore, mostra outro exemplo em que o lucro deixa de ser o objetivo maior da atividade organizacional: a pesquisa do médico Jonas Salk, que conseguiu descobrir a cura para a Pólio, e decidiu distribuí-la de graça. "Este homem poderia estar rico com sua descoberta, se tivesse vendido a cura para uma empresa farmacêutica (MOORE, 2009, 62:02min.)."

Utilizando o Dr. Salk como ponto de partida, volta-se para a análise da crise financeira em si, porém, sem deixar seus aspectos sociais e institucionais de lado. Inicialmente a questão do emprego de mão de obra altamente qualificada, recém-formada nas universidades, para o trabalho em *Wall Street*. "Para onde mandamos nossos melhores alunos em matemática e ciências? Para as finanças. Eles não se envolvem com a ciência nos EUA, eles vão para *Wall Street* (MOORE, 2009, 62:02min.)." A crítica segue no sentido de questionar a própria indústria financeira, em termos de desviar pessoas que poderiam contribuir mais com o desenvolvimento da humanidade para tarefas que acabam fomentando o modelo atual.

Conforme Moore, os melhores alunos das universidades americanas trabalharam em *Wall Street* desenvolvendo os chamados derivativos - *Credit Devolp Swoops*. Para entender do que se tratava, Moore vai para frente da bolsa de valores de Nova York perguntar as pessoas o que são derivativos. Aqui vemos cenas tipicamente utilizadas pelo diretor, sua forma casual de abordar as pessoas na rua, uma marca registrada.

Como ocorre normalmente, Morre é totalmente ignorado pelas pessoas, então busca alguém que lhe possa explicar o que são derivativos. Esse alguém é Marcos Ralph, engenheiro, e ex-vice presidente da *Leman Brother`s*, esse trabalhou durante 15 anos criando os chamados instrumentos financeiros complexos. Questionado sobre o que seriam derivativos, responde:

Um derivativo na verdade é uma aposta secundária num produto básico. Então, você pode ter uma ação, e aí ter a opção naquela ação, é uma opção naquela ação que te dá o privilégio, mas não a obrigação de comprar ou vender... Como devo dizer isso? Você pode tomar uma decisão se você quer ou não, no final das contas, aceitar essa posição. Aqui ele é explicado de outra forma: o preço do derivativo é baseado no preço de outra coisa, então, é mais ou menos como uma equação do segundo grau, se você pensar em digamos.... Ah... É... É melhor eu voltar. Deixa eu recomeçar. Eu vou recomeçar (MOORE, 2009, 64:27min.).

Após a explicação confusa, o narrador, parte para outro especialista, desta vez o professor da Universidade de Harvard, Kenneth Rogoff: “É... É... É... o comprador... Então o vendedor retém o empréstimo que pode retornar... E... E eles vendem para outra pessoa. Me desculpe, deixe-me recomeçar. Peço desculpas, é difícil de explicar” (MOORE, 2009, 65:08min.).

O professor gagueja diversas vezes, é confuso, não consegue organizar seu raciocínio. A trilha sonora remete a músicas de programas de comédia, contribuindo para o descrédito daquilo que é dito. O narrador, em seguida, dá seu veredito: “Derivativos não são nada mais do que esquemas complicados de aposta” (MOORE, 2009, 65:30min.). Mostrando a equação matemática de um derivativo, ininteligível para qualquer pessoa que não tenha profundo conhecimento em cálculo, e diz: "Não consegue entender? Tudo bem, não é pra entender. Eles os fizeram confusos de propósito, para poderem se safar do assassinato” (MOORE, 2009, 65:30min.).

O depoimento de Marcos Ralph novamente é intrigante:

Digamos que você é um advogado e está investigando, trabalha para o governo e está tentando avaliar se os derivativos violam o código fiscal ou não. Se descobrir o que estão fazendo é provável que uma firma de *Wall Street* te ofereça um emprego (MOORE, 2009, 65:52min.).

Essas práticas parecem no mínimo contraditórias em um período de crise em que todos questionam o comportamento das organizações e palavras como ética, responsabilidade social, sustentabilidade, são tão comumente utilizadas nos discursos organizacionais. A conclusão do narrador/diretor é óbvia: "Então foi nisso que *Wall Street* se transformou, num cassino maluco. Nós permitimos que eles apostem em qualquer coisa, inclusive nossa casa (MOORE, 2009, 66:08min.)."

Porém, como a situação chegou a esse ponto? É essa pergunta que Moore tenta responder. O corte de cena foca a capa da Revista Time, importante periódico americano, na capa está Allan Greenspan, o presidente do banco central americano. Como presidente, Greenspan é o principal responsável pela política monetária do governo americano no

período. Somos bombardeados por imagens de Greenspan no congresso, em entrevistas, sendo homenageado pelo ex-presidente George W. Bush.

Temos, então, o depoimento da professora de Direito de falência da Universidade de Harvard, Elizabeth Warren:

Allan Greenspan - que no auge de sua influência, foi considerado o homem mais inteligente que já caminhará na face da terra - começa usando a frase: aproveite seu *home equity*, que os americanos podem usufruir do *home equity*. Que é o jeito de o Allan dizer: façam empréstimos usando sua casa como garantia, e se não puder pagar, você perde sua casa. Na verdade isso começou quando se convenceu os americanos mais velhos, pessoas com casa própria, a refinanceiar suas casas para perderem suas casas (MOORE, 2009, 66:45min.).

A explicação do que significa *home equity*, é perpassada por imagens irônicas, de pessoas carregando barras de ouro num cofre, sorridentes, de propagandas de bancos oferecendo serviços de refinanciamento, com pessoas felizes e alegres.

"É claro que antes que pudessem pegar sua casa eles precisavam mudar os regulamentos e as normas (MOORE, 2009, 68:07min.)." Uma imagem simbólica é a trazida a tona - retirada do relatório anual de um órgão do governo responsável pelo controle do setor financeiro - nela vemos executivos lobistas do setor financeiro, juntamente com o chefe da agência de supervisão de instituições de poupança, segurando uma serra elétrica sobre um pilha de regulamentos financeiros. Demonstrando a intenção de destruir os regulamentos, desregular o setor.



Figura 1: Desregulamentação.

(Fonte: retirada do filme “Capitalismo: uma história de amor”, de 2009)

Novamente uma propaganda de banco contrasta com o que o diretor nos mostra, o anúncio começa com uma mulher dizendo:

Uma família que cresce com muitas dívidas, um jovem casal sem dinheiro para entrada, um empresário cuja renda era difícil de provar... A cada um deles foi recusado um empréstimo em três credores diferentes. Eu estou com a *Countrywide* e eles aprovaram tudo (MOORE, 2009, 68:56min.).

Logo vemos a versão de Moore para o mesmo comercial: "Ah, não seja enganado pela atitude gentil e os cabelos loiros, esse é a mesma lábria que a máfia lhe passa no bairro (MOORE, 2009, 69:12min.)." O tom da fala muda, adotando o mesmo timbre e fundo musical das cenas de Al Patino em *O Poderoso Chefão*, de 1972.

A mesma propaganda ganha uma nova dublagem:

Sei como se sente; você tem muitas dívidas, não tem dinheiro para a entrada e não consegue achar seus documentos... Tudo bem, eu te ofereço um empréstimo que não vai recusar, se chama *sub-prime*. É, você não paga juros agora, depois você paga um pouco mais, e não se preocupe com depois nós vamos cuidar de você (MOORE, 2009, 69:22min.).

"E como a máfia: Citibank, Wellsfargo, Chase... Um dia eles passarão para receber e levar sua casa" (MOORE, 2009, 69:44min.). Ao fundo vemos cenas de filmes em preto e branco, onde mafiosos cobram dívidas de forma truculenta.

Novo corte e voltamos ao depoimento do Sr. Hacker, cuja família é despejada de sua própria casa no começo do filme. Seus depoimentos são emocionantes e desesperados: "Eu pagava U\$ 1.700,00 por mês e conseguia. Daí passou pra U\$ 2.000,00, depois para U\$2.300,00 e para U\$ 2.700,00... Não da mais" (MOORE, 2009, 70:00min.). As imagens do

despejo são desoladoras. Uma família tendo que limpar sua própria casa e deixá-la apresentável para outra pessoa, sem mesmo ter para onde ir, o cenário é de desolação. Pelo serviço prestado ao banco (limpeza da casa), os Hacker`s recebem um cheque no valor de mil dólares. Em tom sarcástico o Sr. Hacker diz:

Sabe? Mil dólares para sair da minha própria casa e limpá-la. Isso eu realmente quero agradecê-los, isso foi realmente demais. Minha mulher trabalhou uma semana para limpar a casa, para garantir que ela estivesse apresentável para outra pessoa, eu fico feliz que fizeram isso. Eu tenho que agradecer a eles, eles foram muito gentis. Então eu quero agradecer a eles, sim (MOORE, 2009, 72:15min.).

Vemos os Hacker`s queimando seus bem pessoais, pois não têm como levar tudo em seu carro, o único bem que lhes restou.

Eu estou começando a entender o que as pessoas pensam, sabe, quando perdem a cabeça e vão até lá, e começam a atirar nas pessoas, e tudo mais... Eu não vou dizer que faria uma coisa dessas. Mas posso entender como eles envolvem as pessoas numa situação em que as pessoas vão lá com bombas e explodem tudo, e atiram neles... Tudo que acontece com elas é porque merecem, só posso dizer isso. Eu espero que alguma coisa aconteça. Eu não tenho mais o que dizer (MOORE, 2009, 73:06min.).

Agora Moore volta-se para a *Countrywide*, maior empresa hipotecária do país. A organização é especializada em empréstimos a juros altos para o público de baixa renda, todavia, Bob Feinberg ex-colaborador da empresa, descreve seu trabalho:

Era um departamento especial que cuidava dos amigos de Angelo [Angelo Mozilo - diretor geral da empresa]. Dava-se descontos, renunciava-se as taxas, e as vezes documentos eram renunciados... Nós literalmente escrevíamos no arquivo: "ADA - Amigos do Angelo" (MOORE, 2009, 74:30min.).

Os que entravam nessa lista eram pessoas influentes no governo e em *Wall Street*: embaixadores, diretores de grandes empresas, senadores, líderes do comitê de finanças do governo, responsáveis pela fiscalização e controle da indústria.

A televisão estava ligada na minha casa, eu estava na cozinha e ouvi uma voz pontificando sobre empréstimo predatório e como temos que acabar com isso. [Vê-se o discurso do Senador: "Nossa nação, reguladores financeiros devem ser os que impõem a lei, protegendo os trabalhadores americanos de atores financeiros inescrupulosos."] O senador Cristofer Dodd estava falando, eu fiquei olhando pra televisão e fiquei preocupado. [Novamente o senador diz: "Alguns desses empréstimos têm uso legal quando são feitos por mutuários sofisticados de alta renda".] Porque fizera vários empréstimos pra ele, nos quais teve descontos e todos os benefícios ganhos por ser amigo de Angelo, mais as mordomias (MOORE, 2009, 75:10min.).

O senador mencionado é presidente do comitê de bancos e habitação do senado, responsável pela fiscalização da indústria hipotecária, no entanto o mesmo chegou a receber mais de um milhão de dólares de desconto da empresa *Countrywide*, revelando relações de conflito de interesses no comando de um órgão que deveria fiscalizar organizações como a mencionada.

Em seguida, em contraposição aos escândalos dos empréstimos aos reguladores, Moore vai entrevistar Bill Black, responsável pela denúncia de um escândalo parecido na década de 1980, o narrador o coloca como homem ético e honesto, dizendo: "por isso precisamos de pessoas como Bill Black" (MOORE, 2009, 76:46min.).

Questionado sobre onde estaria o FBI em tudo isso Black diz:

O *FBI* iniciou um aviso público em setembro de 2004, dizendo que havia uma epidemia de fraudes hipotecárias cometidas pelos bancos, epidemia foi o que disseram. Mas no onze de setembro⁴, o governo Bush transferiu pelo menos 500 especialistas do *FBI* para cuidar de crimes do colarinho branco, apesar de estarmos entrando durante todo o governo Bush na maior onda de crimes do colarinho branco na história do país, na verdade na história mundial. O *FBI* disse que 80% das perdas em fraudes hipotecárias são induzidas pelos credores. Que não é o mutuário que tenta enganar a associação de poupança e empréstimo, são fraudes comandadas por quem controla a organização, isso é típico de diretores-gerais, em outras palavras (MOORE, 2009, 77:09min.).

Moore questiona: "Os diretores-gerais acharam que iam se safar dessa?" (MOORE, 2009, 78:08min.). Black responde: "Eles se safaram" (MOORE, 2009, 78:10min.). O corte ironicamente mostra a cena de um desenho animado onde o personagem principal está sobre uma montanha de dinheiro e se mostra muito feliz, brincando e jogando dinheiro ao alto. E também um homem deitado sobre outra montanha de dinheiro.

Moore faz também referência à eleição presidencial de 2008, em que os candidatos são Barack Obama (partido democrata) e John McCain (partido republicano).

Com a eleição chegando, as elites estavam preocupas que essa onda de crimes chegasse ao fim. Depois de extorquirem trilhões do povo americano tomando suas casas, deixando todos falidos quando ficavam doentes e convencendo eles a investirem o dinheiro da pensão no cassino conhecido como bolsa de valores. Os ricos decidiram fazer um ultimo roubo, e como sua festa de 30 anos de duração poderia chegar ao fim, decidiram botar o máximo da prataria no bolso... Mas primeiro eles precisavam de uma distração, e como aprenderam depois do onze de setembro, e nada funciona melhor no lar dos corajosos do que um pouco de medo a moda antiga. E quem melhor para fazer uma ultima apresentação assustadora o galinho *Chicken Little* indicado ao *Oscar*, para sua informação (MOORE, 2009, 78:18min.).

⁴ Referência aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 em Nova York, EUA.

Todo esse discurso é perpassado por imagens em preto e branco de pessoas, bem vestidas representando a elite, roubando em lojas. Pessoas sendo atendidas em corredores de hospitais, pessoas correndo amedrontadas. A impressão que temos é de manipulação, mentira, parece ser a ideia que o diretor procura passar com essas contradições. Vemos o discurso do ex-presidente Gorge W. Bush, no salão da casa branca:

Este é um período extraordinário para a economia americana, o s grandes especialistas em economia do governo avisam que sem uma ação imediata do congresso os EUA podem entrar numa crise financeira e uma situação desoladora tomaria conta, mais bancos poderiam falir inclusive alguns de comunidade. A bolsa de valores poderia cair ainda mais, o que reduziria o valor de sua conta de aposentadoria, o valor de sua casa poderia diminuir, as execuções hipotecárias cresceriam drasticamente, e se você tiver um negócio ou fazenda acharia mais difícil e mais dispendioso conseguir crédito, mais negócios fechariam as portas e milhões de americanos perderiam o emprego. Mesmo que você tenha um bom histórico de crédito, seria mais difícil pra você conseguir um empréstimo que precisa para comprar um carro ou mandar seus filhos para a faculdade. E por fim nosso país poderia passar por uma recessão longa e dolorosa. Prezados cidadãos, não podemos deixar que isso aconteça (MOORE, 2009, 79:10min.).

Contudo, a montagem feita ao fundo da tela, mostra o prédio desabando; pessoas correndo desesperadas; raios; ventanias; tudo isso parece querer demonstrar que o discurso do presidente é alarmante, no intuito de promover o medo na população, conforme Moore afirma antes mesmo do discurso. A montagem ridiculariza George Bush e dá certa credibilidade ao discurso de Moore.



Figura 2: Discurso Bush.

(Fonte: retirada do filme “Capitalismo: uma história de amor”, de 2009)

O diretor continua: "na verdade não havia necessidade desse discurso, porque a mídia dominante já havia vestido a camisa" (MOORE, 2009, 80:08min.). Diversas reportagens,

típicas dos telejornais americanos perpassam o telespectador, no intuito de fortalecer as palavras de Moore.

Votando a entrevista com Bill Black, o mesmo compara o auge da crise à quebra de uma represa: começa com uma pequena rachadura, que ao longo do tempo faz crescer diversas outras e vai corroendo todo o sistema, então o peso da água e da barragem conspiram contra ela mesma, e a destruição parece durar apenas dois minutos, mas já estava lá ha anos. Seria assim também no mercado financeiro, pois a crise das hipotecas teria contaminado todo o sistema financeiro, e quando todos se deram conta, já era tarde demais, vários bancos e instituições faliram em um único mês, todavia a crise começara muito antes, com a desregulamentação do mercado. Moore concorda a conclusão de Black chegam após esse raciocínio.

Ainda na mesma entrevista, Moore faz uma pergunta muito emblemática: "Parece que o capitalismo está se autodestraindo. Quem enriqueceu aqui?" (MOORE, 2009, 82:18min.). Black responde: "Muitas pessoas enriqueceram nessa época, principalmente os administradores e diretores os grandes bancos, poupanças e empréstimos. E os credores especiais *sub-prime*, essas pessoas ficaram extremamente ricas" (MOORE, 2009, 82:20min.). Moore diz: "E os membros do congresso enriqueceram, ou principalmente depois que deixaram o congresso? Alguns deles foram trabalhar em instituições financeiras" (MOORE, 2009, 82:38min.).

Black: Claro, assim como Rubin e Summers [Respectivamente, secretários do tesouro (1995-1999) e (1999-2001)] (MOORE, 2009, 82:45min.). Segundo Moore, Rubin foi o responsável por uma mudança na lei que permitiu a criação do *CitiGroup*, maior banco do mundo. Rubin participou do governo Clinton, trabalhou também para o próprio *CitiGroup*, recebendo mais de 115 milhões de dólares.

Summers também é alvo da investigação de Moore, a conclusão é que o mesmo enriqueceu ministrando palestras para grandes bancos e empresas financeiras, além de trabalhar como consultor em fundos de investimento.

Com isso, vemos, pela visão do diretor, como o conflito de interesses é bastante presente nesse cenário, onde um representante deixa o governo para trabalhar para as mesmas empresas que deveria fiscalizar e vice-versa.

"Tem as pessoas que nos prometeram que a desregulamentação deixaria todos nós ricos, e estas são as pessoas que particularmente enriqueceram" (MOORE, 2009, 84:33min.).

Após um corte de câmeras, em que o foco recai sobre os símbolos do poder em Washington, como o obelisco em homenagem a George Washington, e o congresso, o diretor/narrador da sua versão do pacote de ajuda do governo contra a crise:

Não era de se surpreender que os ricos queriam ficar mais ricos. Mas naquele momento eles apareceram com uma forma nova e descarada de fazer isso: leve um caminhão até o departamento do tesouro e pegue 700 bilhões de dólares do nosso dinheiro de impostos. Sem nenhuma pergunta. (MOORE, 2009, 84:40min.).

Moore vai até Washington DC entrevistar alguns congressistas, todos do partido Democrata, e os questiona sobre como teria acontecido o colapso. Um deles, Baron Hill, responde:

Na sexta, quando cheguei em casa estava tudo bem em termos de economia, eu liguei quando meu avião pousou em Indiana, só pra falar com meu gabinete. E, de repente, estávamos com essa crise em nossas mãos. Bom, agora eu vou ter que votar, quando voltar na segunda, no plano de resgate de multi-bilhões de dólares da indústria financeira (MOORE, 2009, 85:13min.).

Outro diz: “A notícia que recebemos foi que se não agíssemos imediatamente a economia sofreria um colapso, sem dúvida” (MOORE, 2009, 85:30min.).

A deputada Marcy Kaptur diz:

Achei que a notícias dessa crise em setembro, só umas semanas antes da eleição [presidencial] foi muito suspeita. Nessa época o congresso fica muito nervoso, e eu pensei: o que está acontecendo? Isso não é normal (MOORE, 2009, 85:30min.).

O clima é de conspiração, a trilha sonora e os cortes de câmera, com imagens dos principais congressistas e líderes do governo e *Wall Street* reforçam essa impressão no telespectador. Moore continua:

A liderança do congresso e o governo Bush rapidamente ordenou uma série de reuniões particulares com os titãs de *Wall Street* para descobrirem o quanto de dinheiro era necessário para cobrir todas as apostas ruins que os investidores fizeram. Foi feito um acordo com o secretário do tesouro, Henry Paulson, ex-diretor-geral da *Goldman Sacks*, cujo patrimônio líquido estava estimado em 700 milhões de dólares quando ele deixou a *Goldman* para administrar o departamento do tesouro (MOORE, 2009, 85:55min.).

Aqui se vê o pronunciamento de Henry Paulson: "Acho que vimos o melhor dos EUA no gabinete da presidente da câmara está noite... (MOORE, 2009, 86:28min.). O narrador responde: "O melhor dos EUA? Ou ele quis dizer o melhor da *Goldman Sacks*?" (MOORE, 2009, 86:35min.). Continuando o clima de conspiração, com forte presença da trilha sonora, a deputada Kaptur conclui: “O departamento do tesouro é basicamente o braço de *Wall Street*, todas as pessoas encarregadas eram da *Goldman Sacks*” (MOORE, 2009, 86:40min.). Bill

Black novamente diz: "os chamamos de governo Goldman da era moderna" (MOORE, 2009, 86:46min.).

Havia, segundo o diretor, onze ex-executivos da *Goldman* que trabalhavam no departamento do tesouro no governo Bush, assim como no governo Clinton, para Moore: "Eles trabalhavam como lobistas poderosos do lado de dentro para abolir as regulamentações financeiras enquanto nós pagávamos os salários deles" (MOORE, 2009, 86:46min.).

Já Bill Black diz:

As últimas pessoas prováveis que deveriam dar conselhos ao ministério seriam da *Goldman*. Naturalmente, Paulson, ex-diretor-geral da *Goldman*, os colocou lá. E qual conselho que acabaram dando? Bom, usar os contribuintes para afiançar a *Goldman* e outras instituições financeiras favorecidas (MOORE, 2009, 87:37min.).

A trilha sonora é bastante presente nesse momento, promovendo a sensação de tensão, pressão sobre os congressistas. Vemos também diversas falas dos deputados contra o pacote de ajuda, todas bastante simbólicas, expressando de certa forma, a visão do diretor:

O ministro Paulson recebe a chave do tesouro nacional, vai começar fazendo um empréstimo de 700 bilhões de dólares em nome do povo americano, talvez mais depois disso. E renuncia a todas as leis, nem mesmo a revisão judicial, uma proposta bem simples (MOORE, 2009, 87:57min.).

"Estamos numa verdadeira situação de crise que poderia resultar em uma coisa muito pior do que a grande depressão" (MOORE, 2009, 88:26min.). Mais uma vez usa-se um trecho da conversa com Baron Hill:

Estavam nos coagindo para concordar com a proposta. Queriam que votássemos imediatamente, sem nenhum tipo de análise cuidadosa, uma análise do que eles estavam fazendo, sem audiência. Eu não estava prestes a isso. Sabe? Eu fui pressionado a votar na resolução sobre o Iraque com base em algumas mentiras que me foram contadas e não queria passar por isso de novo (MOORE, 2009, 89:00min.).

Bush volta à cena, desta vez com seu pronunciamento de 2002, justificando a invasão do Iraque: "Não vou esperar os fatos enquanto o perigo cresce. Eu não ficarei parado enquanto o perigo se aproxima cada vez mais" (MOORE, 2009, 89:19min.). As imagens de Bush são sempre embutidas de uma aura maldosa, manipulativa por parte do ex-presidente, transformando-o numa figura maléfica, quase um vilão; dando indícios do posicionamento contrário de Moore ao político americano.

Kaptur diz: "Você usa o seu medo e consegue fazer o que quer. Eles criaram essa janela, dois meses antes das eleições, essa panela de pressão" (MOORE, 2009, 89:27min.).

Outra vez vemos Bush discursando, agora a data é 2008, a favor do pacote de ajuda: "as pessoas entendem que a câmara dos representantes precisa permitir esta parte da legislação" (MOORE, 2009, 89:37min.). Percebe-se pelas imagens que o resto da fala de Bush é suprimida. Como resultado, o congresso acaba votando contra:

Foi uma repreensão que o congresso e *Wall Street* raramente ou nunca tinham sofrido. Foi contra o que o memorando do *CitiBank* havia avisado: que se os caipiras um dia escolhessem exercer seus direitos democráticos a roubalheira dos ricos acabaria. Então Paulson e companhia voltaram para *Capital Hill* [sede do congresso], e mais rápido do que você pudesse dizer: a conta, por favor. Criaram um acordo discreto com a ajuda dos Democratas (MOORE, 2009, 91:19min.).

O narrador/diretor continua: "Em dias o congresso mudou de opinião e deu aos bancos os 700 bilhões que eles queriam. O povo que se lixasse" (MOORE, 2009, 92:19min.). Enquanto conversa com congressistas sobre como isso ocorreu, e que não foi por acaso, e sim uma operação arquitetada por forças maiores, vemos diversas imagens de Bush e Paulson conversando, dando as mãos, sorrindo, dando, de certa forma, a entender que o governo e *Wall Street* planejaram a essa virada.

Então Moore pergunta a Kaptur: "Você acha que seria severo demais chamar o que aconteceu de golpe de Estado, um golpe de Estado financeiro?" (MOORE, 2009, 93:20min.). A resposta é clara:

Não. Porque eu acho que é o que aconteceu. Um golpe de Estado financeiro? Acho que eu concordaria. Concordaria com isso porque as pessoas aqui [no congresso] não estão na verdade no comando, *Wall Street* está no comando (MOORE, 2009, 93:23min.).

Adiante Moore, entrevista Elizabeth Warren, chefe do painel de supervisão do plano de resgate no congresso, e começa perguntando onde está o dinheiro, resposta:

Warren: - Eu não sei.

Moore: - Você não sabe, mas você é a pessoa encarregada, eles te encarregaram para descobrir.

Warren: - Mas o tesouro seguiu uma política de não pergunte, não fale. Não perguntaram aos bancos o que eles iam fazer com o dinheiro... E se não perguntaram, os bancos não são obrigados a dizer.

Moore: - Isso não faz sentido. Por que o departamento do tesouro não iria exigir que os bancos não dissessem o que vão fazer com o dinheiro?

Warren: - Vai ter que fazer essa pergunta ao secretário Paulson, porque eu fiz essa pergunta na minha função de chefe do painel de supervisão no congresso e não obtive uma resposta. Talvez tenha mais sorte. (MOORE, 2009, 93:45min.).

Entre uma fala e outra vemos notícias de mercado mostrando gastos das principais empresas que receberam dinheiro do resgate como compra de jatinhos, reuniões a beira da piscina em hotéis de luxo, distribuição de quantias bilionárias em bônus. Como de costume, o

diretor/narrador, tenta falar com o secretário do tesouro, ligando para o gabinete. Ao se identificar a secretária desliga o telefone.

Diante deste quadro, o diretor resolve, então, alugar um carro forte e ir às sedes das instituições beneficiadas com o plano de resgate e pedir todo o dinheiro de volta. Como já era esperado, é barrado pelos seguranças na porta das instituições.

Outro corte de câmera e Moore entra em outro aspecto da crise, a eleição presidencial americana e os movimentos sociais que tomaram força após a aprovação do pacote de resgate aos bancos e financeiras.

Não era comum os americanos se revoltarem com os ricos, por causa da cenoura que sempre ficou pendurada na nossa frente, que nós também poderíamos ser igual a eles um dia. As pessoas estavam começando a não acreditar nisso, e isso assustou os ricos. Por que a distância eles ouviram algo chegando e não era outro *dry martini*. Eram as malditas pessoas (MOORE, 2009, 98:20min.).

Em seguida vemos diversas partes de discursos do então candidato a presidência, Barack Obama. A retórica é de mudança, renovação. A trilha sonora difere muito daquela usada nos discursos de Bush, por exemplo; neste momento a trilha anima o telespectador, é agitada, não trágica como anteriormente.

Com seu discurso de igualdade e distribuição de riqueza, Obama é atacado pelos opositores, ligando seu discurso ao socialismo. Moore ilustra o socialismo com imagens, novamente em preto e branco, de soldados marchando, pessoas em passeatas carregando grandes quadros com imagens de líderes da nação, Stalin acenando ao povo soviético, Mao Tsé-Tung acenando ao povo chinês. Vê-se, também cenas do governador da Califórnia Arnold Swarzeneger dizendo que deixou a Europa porque o socialismo havia "matado as oportunidades por lá" (MOORE, 2009, 100:08min.). Vale destacar que em nenhum momento do filme o autor parece considerar o socialismo com um regime de substituição ao capitalismo, em nenhum momento o narrador/diretor compara capitalismo com socialismo, o que seria algo comum para indivíduos nascidos no século XX, no entanto o mesmo se abstém deste debate.

Um jornalista, em um programa de TV, utiliza uma citação atribuída à Michele Obama, esposa de Barack Obama: "Alguém vai ter que dar uma fatia de sua torta para que o outro possa ter mais" (MOORE, 2009, 100:11min.). O jornalista responde: "eu quero a minha torta inteira" (MOORE, 2009, 100:13min.).

Moore conclui que a ligação de Obama como socialismo era uma campanha na tentativa de assustar os eleitores, desencorajando o voto no candidato. Com toda a discussão

sobre socialismo, o tema entra em pauta e segundo Moore: “Quanto mais chamavam Obama de socialista mais ele crescia nas pesquisas eleitorais. E de tanto repetirem a palavra, uma nova geração ficou curiosa sobre o que ela era” (MOORE, 2009, 100:25min.). Moore vai até o senado americano para entrevistar o único senador socialista do país (Bernard Sanders) e o questiona sobre o que significaria ser um socialista:

Eu sou um democrata socialista. A função do governo é representar a classe média e trabalhadora ao invés dos ricos e poderosos. Uma das coisas que fizemos aqui é que ficamos muito religiosos venerando a ganância, e colocamos nas capas das revistas aqueles que ganharam bilhões de dólares, ignoramos a policia, os bombeiros, os professores, enfermeiros, que todos os dias fazem tanto para melhorar a vida das pessoas. Temos que mudar nosso sistema de valor (MOORE, 2009, 100:52min.).

O narrador/diretor responde: "Isso não parece ruim. Parece que é algo que talvez devêssemos tentar" (MOORE, 2009, 101:18min.).

Assistimos, então, ao momento em que é anunciada a vitória de Barack Obama nas eleições. O momento é de euforia, as pessoas comemoram, a trilha sonora é calma, tranquila, esperançosa. A partir desse momento, Moore parece partir para um final mais alegre, esperançoso, a trilha sonora é empolgante, vemos um delegado de Detroit, que ordena o fim das execuções hipotecárias em sua cidade. Sua declaração é bastante simbólica, nos faz acreditar que, talvez, o diretor compartilhe da mesma visão:

Não parece meio estranho pra você que eles buscariam o plano de resgate do governo? Eu achei que não fosse isso que fizessem. Eu achei que fosse no mercado livre que você afundasse ou nadasse. Eu acabei de vê-los afundando e chorando feito bebes pedindo ajuda de outra pessoa (MOORE, 2009, 102:53min.).

Outra vez questionado sobre o mercado livre, Moore diz: "Você acha que o mercado livre fracassou em Detroit?" (MOORE, 2009, 103:40min.).

Eu acho que o mercado livre fracassou no país. Sabe, isso é loucura. Os bairros foram totalmente destruídos porque muitas casas foram executadas. Ai você fica pensando: isso é mesmo os EUA ou um país do terceiro mundo, ou que exatamente estamos fazendo aqui? Vamos esperar tudo ficar tão ruim que não teremos outra opção a não ser protestar e criar uma revolução (MOORE, 2009, 103:40min.).

Como exemplo de revolução, Moore coloca uma família do subúrbio que decide, junto com um grupo de moradores, reaver sua casa, tomada pelo banco. Como era de se esperar funcionários do banco e a policia tentam intervir. Todavia eles conseguem o direito de reaver sua casa.

Após a exposição dos casos de reapropriação das residências, por parte daqueles que as perderam, vemos o discurso deputada Kaptur:

Não saia de sua casa. Por que quando essas empresas dizem que estão com a sua hipoteca, a menos que você tenha um advogado que possa encontrar os documentos da hipoteca, você não tem aquela hipoteca. E você vai descobrir que eles não conseguem achar o documento em *Wall Street*. Então eu digo ao povo americano: seja um invasor de sua própria casa, não saia dela!” (MOORE, 2009, 106:46min.).

Finalizando, Moore, volta ao caso dos operários em greve de Chicago. Desta vez a opinião pública sai em defesa dos funcionários, tornando-os um símbolo para o país. Todos se questionavam por que o governo aprovou um pacote de ajuda bilionário às grandes empresas, enquanto essas negavam aos trabalhadores seus direitos? "Aquilo era o início de uma revolta dos operários contra *Wall Street*?" (MOORE, 2009, 111:46min.). Observamos imagens de diversos protestos na própria *Wall Street*, contra o pacote de ajuda e o comportamento das empresas. Ao final os operários conseguem conquistar seus direitos e recebem o que lhes era devido pelo *Bank of America*.

Moore volta a 1936, para relatar a greve dos funcionários da *General Motors* em Flint, sua terra natal. E como a vitória do sindicato iria contribuir para o desenvolvimento dos direitos trabalhistas hoje usufruídos por todos. Utiliza também, o discurso de Franklin Delano Roosevelt em sua proposta de segunda declaração dos direitos humanos na constituição:

Atualmente certas verdades sobre a economia tornaram-se aceitas dispensando explicações. Uma segunda declaração dos direitos, sob a qual uma nova base de segurança e prosperidade pode ser estabelecida para todos, independentemente de posição social, raça ou crença. Entre esses está o direito a um emprego útil e remunerativo. O direito a ganhar o suficiente para oferecer comida, vestimenta e recreação adequadas. O direito de cada fazendeiro produzir e vender produtos com retorno que de a ele e sua família uma vida decente. O direito de cada empresário, grande ou pequeno, de negociar numa atmosfera de liberdade, liberdade da competição injusta e dominação, pelos monopólios nacionais ou estrangeiros. O direito de cada família ter um lar decente. O direito a assistência médica adequada. E a oportunidade de alcançar e aproveitar a boa saúde. O direito a uma proteção adequada contra a insegurança econômica na velhice, doença, acidente e desemprego. O direito a uma boa educação. Todos esses direitos implicam em segurança. E depois que a guerra for vencida, devemos estar preparados para seguir em frente com a implementação desses direitos, com novos objetivos de felicidade humana e bem estar. Pois se não houver segurança aqui em casa, não poderá haver a paz duradoura no mundo (MOORE, 2009, 115:26min.).

Roosevelt morreu antes do fim da guerra e sua nova carta de direitos nunca foi promulgada. Para Moore, muitas outras nações conseguiram esses direitos, segundo ele:

as pessoas do governo Roosevelt viajaram para ajudar a reconstruir a Europa. Durante esse tempo novas constituições foram escritas para as nações derrotadas, que foram: Alemanha, Itália e Japão. A constituição italiana garantia o direitos iguais a todas as mulheres. E isso foi em 1947. A constituição alemã disse que o Estado tem o direito de se apoderar da propriedade e dos meios de produção para o bem comum. E eis o que escrevemos para os japoneses: todos os trabalhadores tem o direito de organizar um sindicato, e a liberdade acadêmica é garantida (MOORE, 2009, 118:47min.).

Por fim, Moore, mostra como em mais de 50 anos os EUA, segundo ele, não se tornaram o país de Roosevelt, mas sim um país devastado por um furacão, com as pessoas pedindo ajuda do governo, sem casa, comida e condições mínimas. “São sempre os pobres. Eles jamais ganharam um pedaço da torta, porque os ricos pegaram tudo e deixaram eles com nada! Deixaram eles morrerem! Eu me recuso a viver num país como esse! E não vou embora” (MOORE, 2009, 120:13min.).

O filme termina com Moore cercado *Wall Street* com uma fita utilizada pela polícia para demarcar cenas de crimes. “O capitalismo é um mau. E você não pode controlar o mau, você tem que eliminá-lo. E substituí-lo por algo que seja bom para todas as pessoas. E isso é algo que se chama democracia” (MOORE, 2009, 121:13min.).

Por fim Moore fecha com seu estilo irônico: “Sabe, eu não posso mais fazer isso, a não ser que aqueles que estiverem assistindo isso em algum lugar queiram se juntar a mim. Eu espero que você assita... E, por favor, ande logo!” (MOORE, 2009, 122:02min.).

5.2 CATEGORIZAÇÃO

Abaixo, tenta-se identificar como Michael Moore vê/representa certos temas, fatos, realidades sociais em seu filme, sendo estes escolhidos a partir de um processo dedutivo do pesquisador (ver capítulo de metodologia).

5.2.1 Capitalismo

Desde o início do filme, Moore expõe certas opiniões acerca do capitalismo; estas nos dão a oportunidade de buscar identificar, ainda que de forma parcial, sua visão/representação. Pode-se deduzir que o diretor utiliza falas de intervenientes para expressar sua posição em diversos momentos da obra.

A análise acerca do sistema capitalista perpassa todo o filme, visto o próprio título: “Capitalismo: uma história de amor”. Contudo, não há, por parte do diretor, uma preocupação em termos de contextualização histórica do mesmo, como a emergência do sistema, como se tornou hegemônico, suas etapas de desenvolvimento, ou qualquer outra categoria temporal. Faz-se apenas uma breve menção ao que seriam os elementos centrais do capitalismo: "livre empresa, competição, intenção de lucro" (MOORE, 2009, 15:05min.). E como estes não são,

necessariamente, moralmente éticos, e nem mesmo estariam “de acordo com a bíblia e as leis de deus”.

Logo aos dez minutos de filme, temos uma fala emblemática de Moore acerca do capitalismo: "Isso é o capitalismo, um sistema que toma e dá. Ele toma mais do que dá, a única coisa que não sabíamos era quando a revolta ia começar" (MOORE, 2009, 09:58min.). Não temos, contudo, no filme uma definição do que seria “a revolta”, nem quais suas reivindicações ou o que aconteceria após a mesma.

Pode-se deduzir que seriam os trabalhadores e os menos abastados os responsáveis por tal movimento, visto que são os mais injustiçados e prejudicados pelo sistema capitalista, como o próprio diretor argumenta. O que evitaria tal insurreição, segundo Moore, seria a capacidade de propaganda do próprio sistema e também pelos benefícios que o capitalismo teria dado aos americanos por quase todo o século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. O mesmo parece fazer clara apologia às políticas do Estado de bem-estar social⁵, colocando a emergência de uma classe média americana e os direitos conquistados pela mesma como resultado desta política.

Um fator a ser destacado na forma como Moore vê/representa o capitalismo em seu filme é o fato de não contrapô-lo ao socialismo, um pensamento comum. O mesmo, apesar de não argumentar diretamente sobre socialismo, acaba por deixar-nos indícios de sua posição acerca do tema quando, em determinado momento do filme, o presidente Barack Obama é tachado de socialista. O plano de cena escolhido para ilustrar o que é dito é bastante simbólico: veem-se referências aos grandes líderes autoritários do “socialismo real” do século XX, como Joseph Stalin (URSS) e Mao Tsé-Tung (China). Isso nos leva a cogitar que o diretor veja o socialismo como um regime autoritário e que não seria uma alternativa ao capitalismo. Entretanto, Moore parece simpatizar com as ideias do único senador socialista nos EUA (Bernard Sanders), quando o mesmo afirma que a função do Estado seria a representar a classe trabalhadora e não os mais ricos.

Ainda assim, o fim do capitalismo é eminente para Moore: "Parece que o capitalismo está se autodestraindo [...]" (MOORE, 2009, 82:18min.), fazendo menção à crise e à falência de grandes empresas. Para além da autodestruição, o sistema é visto/representado por Moore como um mal que deve ser eliminado: “O capitalismo é um mau. E você não pode controlar o

⁵Consiste no paradigma que definia atuação do estado na economia: “O Estado planejava, racionalizava e orientava a produção. Comprometia-se com a previdência social e o pleno emprego, afastando o clima de instabilidade. Era o Estado regulador, ou Estado de bem-estar social [...]” (PADRÓS, 2005, p. 236).

mau, você tem que eliminá-lo. E substituí-lo por algo que seja bom para todas as pessoas. E isso é algo que se chama democracia” (MOORE, 2009, 121:13min.).

Apesar de não especificar diretamente ao longo da obra sua noção de democracia, parece evidente que Moore faz alusão à ideia de igualdade e justiça entre todos os cidadãos quando utiliza o termo. Deduz-se tal afirmação a partir da linha de pensamento do narrador/diretor: "Como seria se o local de trabalho fosse uma democracia?" a resposta (visão de Moore) vem através do exemplo de empresas ditas “democráticas”, em que todos os colaboradores são sócios da organização, têm os mesmos direitos e recebem os mesmos salários. Ou seja, a democracia no ambiente profissional promoveria igualdade e justiça nas relações de trabalho.

Parece nítido que, em sua visão/representação do capitalismo, Moore o considera injusto e excludente, pois proporciona desigualdades sociais cada vez maiores. Os ricos seriam beneficiados pelas políticas governamentais, já que o país seria governado a favor destes. E, ainda, o capitalismo deveria ser eliminado da sociedade, dando lugar à “democracia”. Todavia, nessa dita “democracia”, não haveria ainda desigualdade econômica? Supondo que todas as organizações fossem administradas por seus colaboradores, ainda haveria um mercado onde as mesmas competiriam, e como resultado desta competição haveria, inevitavelmente, uma perpetuação da desigualdade. Não seria essa uma sociedade ainda capitalista?

5.2.2 Crise de 2008

Para abordar a crise econômico-financeira de 2008, o diretor primeiramente busca inserir a questão em um processo histórico bastante complexo. Volta-se à metade do século XX, mais especificamente no período pós Segunda Guerra Mundial, descrevendo o cotidiano e as políticas econômicas da época, tentando explicar as mudanças que culminariam na crise.

Deste modo, vê-se como Moore representa as políticas governamentais do período, ao lembrar o modo de vida da família em sua infância. Apontando as facilidades na aquisição da casa própria, carro, das viagens de férias e mesmo da facilidade que as famílias tinham para manter faculdade dos filhos. O diretor vê esses benefícios como resultados das elevadas taxas de impostos cobradas dos cidadãos de maior renda, segundo o mesmo em torno de 90%. Porém, não entra na discussão em termos de relações macroeconômicas entre os países, sua única menção à política externa é acerca da inexistência de um parque fabril capaz de

competir à altura com os EUA, visto o cenário de destruição do pós-guerra. Não há uma discussão da política econômica do governo em âmbito internacional, bastante significativa para o desempenho da economia americana no período⁶.

No desenvolvimento de sua linha de raciocínio (representação) entra em cena o que seria uma das principais causas da crise, a ascensão de Ronald Reagan ao poder em 1981. A gestão de Reagan seria marcada pela forte presença do neoliberalismo, portanto, de relações mais estreitas com a iniciativa privada. “Foi um momento histórico, pois naquele momento as empresas americanas e *Wall Street* estavam quase que no controle absoluto” (MOORE, 2009, 19:43min.). Moore parece acreditar que a aproximação entre as organizações da indústria financeira e os órgãos governamentais é maléfica para a economia, por gerar grande conflito de interesses entre aqueles que deveriam controlar a atividade econômica e os atores que a praticam.

O resultado desta aproximação seria a desregulamentação dos mercados sustentada pela forte presença do *lobby* (que visa exercer pressão sobre a autoridade pública para influenciar uma decisão) financeiro. “Têm as pessoas que nos prometeram que a desregulamentação deixaria todos nós ricos, e estas são as pessoas que particularmente enriqueceram” (MOORE, 2009, 84:33min.). Com as afirmações de Bill Black (advogado e acadêmico ligado ao estudo de fraudes econômicas) o diretor nos leva a deduzir que representa a atividade dos lobistas e a conivência do governo Reagan e sucessores, como fundamental para o desenvolvimento da crise. Já que esses mesmos executivos e lobistas fizeram fortuna durante seus períodos de atuação na área (pré-crise).

Portanto, a crise estaria ligada a uma série de fraudes hipotecárias, praticadas pelas organizações financeiras, decorrentes da desregulamentação do mercado. Pois somente com a desregulamentação da indústria é que seria possível a emergência e comercialização de novos serviços/produtos financeiros como o *Home Equity* e os derivativos. Deste modo Moore parece acreditar que a crise está diretamente atrelada aos comportamentos antiéticos das organizações e membros do governo, quando estes promoveram tal prática. Bill Black e Moore deduzem, a partir de um pensamento metafórico, como a situação chegara a um ponto insustentável:

Já viu uma barragem romper? Começa com uma rachadura, uma infiltração. E ela começa a desgastar toda a força interna da barragem... E logo a barragem funciona contra si mesma, o peso da barragem e o peso da água conspiram contra ela. Depois

⁶ Este trabalho não tem ambições no sentido de contrapor o que o diretor exhibe no filme com estudos dos campos historiográfico e mesmo sociológico encontrados na literatura. Todavia, para um aprofundamento das questões econômicas e políticas do período indica-se a leitura de Padrós (2005).

tem um tipo de fluxo significativo e, de repente, você têm partes de 18 a 21 metros de barragem explodindo, destruindo tudo. E a água começa a jorrar, ela destrói o resto da barragem. E toda a destruição parece que só demorou dois minutos. Mas é claro que foi aquele buraquinho que já estava lá há vários anos que destruiu tudo. Você teve esse sistema basicamente deteriorado. Construído num alicerce de areia ao invés de rocha, e eles estava podre desde o núcleo (MOORE, 2009, 80:32min.).

A rachadura parece ser a desregulamentação promovida pelo *lobby* das grandes corporações, sendo responsável pela infiltração das fraudes em todo o sistema econômico, causando, em última instância, a crise e suas consequências.

Após a constatação do cenário de crise econômico-financeira, o governo decide intervir na economia. Na visão/ representação de Moore a solução encontrada, pacote de resgate aos bancos, seria também decorrente das atividades de *lobby*, pois o próprio órgão governamental responsável pela proposição de tal política seria controlado por ex-executivos da *Goldman Sacks* (maior empresa financeira do país), gerando o conflito de interesse e até mesmo o questionamento ético de tais condutas.

As últimas pessoas prováveis que deveriam dar conselhos ao ministério seriam da *Goldman*. Naturalmente, Paulson, ex-diretor-geral da *Goldman*, os colocou lá. E qual conselho que acabaram dando? Bom, usar os contribuintes para afiançar a *Goldman* e outras instituições financeiras favorecidas (MOORE, 2009, 87:37min.).

O diretor dá indícios de acreditar que a aprovação do plano, após uma primeira rejeição no congresso, foi fruto da pressão dos lobistas sobre os representantes. “Fizeram um trabalho de mestre muito bem executado” (MOORE, 2009, 93:15min.). Ao questionar a deputada Marcy Kaptur, vemos indicativos da posição/visão do diretor acerca da solução encontrada: "Você acha que seria severo demais chamar o que aconteceu de golpe de Estado, um golpe de Estado financeiro?" (MOORE, 2009, 93:20min.). A mesma responde: “Não, porque eu acho que foi o que aconteceu [...] Concordaria porque as pessoas aqui [congresso] não estão no comando, *Wall Street* está no comando” (MOORE, 2009, 93:22min.).

Percebe-se, depois deste esforço de identificação/interpretação da visão de Moore acerca da crise financeira, que o mesmo coloca a atividade empresarial e a aproximação desta dos órgãos governamentais - responsáveis pelo controle da atividade industrial - como um dos fatores relevantes para o desenvolvimento da crise.

5.2.3 Comportamento das Organizações (Casos de Fraude e Escândalos)

As questões éticas e morais acerca do comportamento das organizações e seus dirigentes/administradores perpassam todo o filme. O conflito de interesses entre aquilo que seria o “bem comum” e os interesses particulares das grandes corporações que comandam a indústria financeira parece central na abordagem do diretor. Deste modo, a atividade de *lobby* seria trivial para a manutenção da influência sobre as políticas governamentais. Não se deve, todavia, crer que essa atividade não conte com a conivência, e mesmo, apoio daqueles que exercem o poder.

Para o diretor, o aumento da participação das empresas nas políticas governamentais tem início no governo Reagan: “foi um momento histórico, pois naquele momento, as empresas americanas e *Wall Street* estavam quase que no controle absoluto” (MOORE, 2009, 19:43min.). Porém, Moore parece superestimar a participação da indústria, no que seria uma relação de mão dupla, e não uma situação de controle por parte de *Wall Street*, como coloca. Ao final do filme, o mesmo afirma: “O departamento do tesouro é basicamente o braço de *Wall Street*, todas as pessoas encarregadas eram da *Goldman Sacks*” (MOORE, 2009, 86:40min.). Percebe-se a visão do diretor acerca de como as empresas atuariam dentro dos órgãos governamentais para que pudessem tirar proveito da legislação, ou mesmo aprovar o pacote de ajuda que, em último caso, salvou-lhes da falência. Ou seja, atuariam dentro do governo visando legislar em causa própria, subvertendo a lógica do Estado.

No tocante à questão das práticas organizacionais, Moore dá ênfase para os casos de despejo. Assiste-se, já nos primeiros minutos de filme, a dois casos de famílias prejudicadas por esta prática. Questiona-se o quão ético e/ou justo seria tal procedimento, visto que as famílias são expulsas por falta de pagamento. Porém, os próprios contratos não seriam ilegais por suas cláusulas abusivas? Um dos cidadãos que é obrigado a deixar sua casa, sem mesmo ter para onde ir diz: “Eu pagava U\$ 1.700,00 por mês e conseguia. Daí passou pra U\$ 2.000,00, depois para U\$2.300,00 e para U\$ 2.700,00... Não dá mais” (MOORE, 2009, 70:00min.). Por estarem em uma categoria de financiamento chamada de *sub-prime* estas pessoas eram obrigadas a arcar com juros mais altos. O que, por final, inviabilizava a quitação da operação, gerando despejos em massa.

Outros casos parecem bastante relevantes na visão do diretor acerca das práticas e comportamentos organizacionais, os escândalos dos “caipiras mortos”, por exemplo, é citado por Moore indiretamente: “E se o aumento dos lucros significa prender algumas crianças ou ganhar dinheiro com a morte de um funcionário... É moralmente correto para sustentar os acionistas” (MOORE, 2009, 51:18min.). Ironizando também o caso do centro de detenção

juvenil do estado da Pensilvânia.⁷ “Por que sempre que uma unidade governamental se transforma numa corporação lucrativa os deveres que deveria estar cumprindo, o que você espera que aconteça?” (MOORE, 2009, 34:33min.). Utilizando-se da ironia, o diretor dá a entender que as atividades de responsabilidade do Estado não devem ser repassadas à atividade privada, visto seu caráter estritamente financeiro, desviando-se da intenção de prover o “bem comum”. Subentende-se que o diretor coloca-se contra as políticas chamadas neoliberais, tais como a redução do tamanho do Estado, diminuição de sua participação na economia, que seria regida pelo mercado autorregulado, pela competição e apologia à globalização.

Há indicativos que nos levam a crer que o diretor vê/representa as organizações financeiras como inescrupulosas: “Os bancos e corporações tinham um plano simples: reconstruir o EUA para servi-los” (MOORE, 2009, 19:21min.), subvertendo a lógica do bem comum, para o interesse privado. Porém, não leva em consideração as demais atividades que as empresas desenvolvem, ou mesmo a geração de empregos. Sua crítica não contém uma descrição mais apurada de uma alternativa ao modelo atual.

5.2.4 Wall Street

Quando o termo *Wall Street* é mencionado no filme, temos *a priori* dois significados diferentes, dependendo da conjuntura em que o narrador/diretor o utiliza. Um significado estaria ligado ao lugar físico: a rua de Nova York chamada *Wall Street*, onde se localiza a bolsa de valores da cidade, uma das mais importantes do mundo, e portanto local onde se concentram as organizações da indústria financeira. Outro significado remete à ideia de um todo organizado, um organismo, que representaria categoria de indivíduos/empresas do setor financeiro. Nesta seção, optou-se pela tentativa de identificação/interpretação do segundo significado, pois este é mais presente na narrativa.

Torna-se relevante a forma como Moore representa esta categoria, suas atitudes, ações e postura ética. Primeiramente, o diretor critica veementemente suas posturas e atitudes frente aos temas abordados no filme, dentre esses destaca-se a política de atrair jovens de áreas científicas para o trabalho no setor financeiro. “Para onde mandamos nossos melhores alunos em matemática e ciências? Para as finanças. Eles não se envolvem com a ciência nos EUA,

⁷ Com relação aos casos relatados ver página 37.

eles vão para *Wall Street* (MOORE, 2009, 62:02min.)." O diretor faz uso da fala do interveniente Bill Black, argumentando que o setor não trabalharia em prol do "bem comum" na sociedade, mas pela reprodução do modelo de capitalismo injusto e desigual.

Essa mão de obra jovem e bem qualificada seria responsável por desenvolver os chamados Derivativos. Por terem grande conhecimento em cálculo avançado, os mecanismos criados por esses profissionais tornam-se bastante complexos, dificultando a atividade de fiscalização, já que os fiscais não compreenderiam se determinado produto/serviço infringiria alguma regra do código fiscal ou não.

Digamos que você é um advogado e está investigando, trabalha para o governo e está tentando avaliar se os derivativos violam o código fiscal ou não. Se descobrir o que estão fazendo é provável que uma firma de *Wall Street* te ofereça um emprego (MOORE, 2009, 65:52min.).

Isso nos leva a crer que Moore representa *Wall Street* como uma entidade inescrupulosa, que busca a todo custo obter vantagens legais e pecuniárias visando benefício próprio. Ou seja, haveria um modo de agir dessas organizações, um código de ética paralelo, no qual essas atitudes seriam válidas em virtude da obtenção de lucros maiores e maior retorno aos acionistas.

Ao debruçar-se sobre os derivativos e serviços financeiros "complexos", Moore parece deixar clara sua posição: "Então foi nisso que *Wall Street* se transformou, num cassino maluco. Nós permitimos que eles apostem em qualquer coisa, inclusive nossa casa (MOORE, 2009, 66:08min.)." A ideia de cassino nos dá indicativos para compreender como o diretor vê a atuação da entidade, pois um cassino é uma empresa, e como tal, seu objetivo principal seria a geração de lucro através das apostas. A banca jogaria contra o apostador/cliente. É sabido que, nestes estabelecimentos, os jogos são manipulados para que a organização, ao final, lucre com as jogatinas. Caso contrário, fecharia suas portas; perde-se a razão de existir. Assim, vemos que Moore acredita que haja, talvez, certa intenção de manipulação por parte de *Wall Street* para que ao final continue lucrando, independente da situação econômica.

É interessante observar que o diretor também dá indícios de como *Wall Street* representaria a si mesmo, para isso utiliza o discurso de Phill Gramm, senador e presidente do *UBS Investment Bank*: "Quando estou em *Wall Street* e percebo que ali é o nervo central do capitalismo americano, eu percebo que o capitalismo fez com os trabalhadores do país, para mim é um lugar sagrado" (MOORE, 2009, 53:55min.). Como católico, Moore contrapõe esse discurso entrevistando padres católicos, questionando suas opiniões sobre o sistema. Parece

que na visão do diretor, talvez, *Wall Street* se veja como uma religião com dogmas intocáveis, inabaláveis para seus fiéis.

Contudo, haveria no país uma “onda de revolta”, segundo o diretor, contra as injustiças e dominação por parte dos ricos e de *Wall Street*. Como exemplo de revolta mostra-se o caso dos operários da empresa *Republic Windows and Doors*, que deflagraram um movimento grevista após serem demitidos, sem nenhum direito trabalhista garantido, em virtude do fim da linha de crédito do *Bank of America* para a mesma. Depois de vinte dias de negociação o banco cedeu e os operários receberam o que lhes era devido. "Aquilo era o início de uma revolta dos operários contra *Wall Street*?" questiona Moore.

Fica claro que a visão/representação de Moore acerca de *Wall Street* não difere muito de sua representação dos comportamentos das organizações, pois podemos considerar, grosso modo, o comportamento de *Wall Street* como a união e/ou consenso dos comportamentos dos indivíduos/organizações que compõem a indústria financeira. Então, a entidade seria também, marcada pelos desvios éticos, em suas práticas e comportamentos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o documentário de Moore, percebe-se a capacidade que o diretor tem de prender a atenção do espectador, e mesmo surpreendê-lo, com seu estilo irônico e sarcástico. Ainda que trate de temas sérios, como despejos, casos de fraude, corrupção, e críticas ao capitalismo, consegue utilizar certo tom humor como forma de comunicação. Teria o diretor transformando-se em um ator que nos diverte com seu personagem? A compreensão/interpretação de uma obra cinematográfica requer grande esforço por parte do pesquisador justamente por essas nuances, por tratar-se de uma exposição parcial de um sujeito-objeto, suas opiniões, ideologias, valores.

Ao final deste trabalho voltamos à questão inicial: como compreender o documentário “Capitalismo: Uma História de Amor”, em termos de representações sociais? Vimos ao longo deste estudo que as representações sociais não são uma reprodução do real pelo indivíduo, mas um processo de ancoragem e objetivação, pelo qual o sujeito se apropria de um conhecimento e o torna próximo, concreto.

Desta forma, as visões/representações de Moore - identificadas pelo esforço de interpretação do pesquisador e, portanto, limitadas a sua análise, visão e representação das mesmas - são perpassadas por opiniões, ideologias, que indicam, talvez, valores que orientam uma possível “visão de mundo” do diretor. Assim, há indícios de que Moore partilha de uma visão igualitária de sociedade, não se conformando com as desigualdades do sistema econômico que critica, propondo mudanças no sentido promover igualdade, de fato, entre os cidadãos; econômica e de direitos. Isso seria possível com a substituição do capitalismo pela democracia.

Além disso, com relação às grandes corporações e conglomerados como *Wall Street* parece evidente que o diretor os vê/representa como instituições que promovem a desigualdade, atuando de forma egoísta, primando por seus interesses em decorrência da promoção do “bem comum”. Já o capitalismo seria um mau a ser eliminado, pois promoveria, segundo Moore, exploração, desigualdade, injustiça. Vale ressaltar que o diretor, como sujeito, é perpassado por diversas relações sociais, apropriando-se de ideias e conceitos anteriores a ele próprio. Algumas de suas críticas ao capitalismo não são recentes, todavia, parecem voltar à tona em momentos de catástrofe como a crise de 1929 e também de 2008.

Apesar deste trabalho de identificação de uma “visão de mundo de Michael Moore” a abordagem não teve como objetivo a identificação de todas as representações presentes no documentário, ou o esgotamento da análise. Sendo assim, há ainda muito a ser estudado na

obra de Moore, como sua relação com os governos de Ronald Reagan, George W. Bush, análise semiótica das mesmas, análise da filmografia, entre outros.

7 REFERÊNCIAS

BOEIRA, Sérgio Luís et al. Cultura Organizacional e Irresponsabilidade Social: Documentários Cinematográficos. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 11, n. 98, p.292-318, 10 maio 2010. Jan-jun. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2010v11n98p292>>. Acesso em: 09 ago. 2012

BORGES, Jacqueline Florindo; MEDEIROS, Cintia Rodrigues de Oliveira; CASADO, Tania. Práticas de gestão e representações sociais do administrador: algum problema?. **Cadernos Ebape.br**, Rio de Janeiro, v. 9, n. , p.531-563, 2011. Jul. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512011000600006&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 set. 2012.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira. Comunicação empresarial versus comunicação organizacional: novos desafios teóricos. **Revista de Administração Pública: RAP**, Rio de Janeiro, n. , p.1124-1144, dez. 2006. Nov-dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n6/10.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2012.

Capitalismo: Uma História de Amor. Direção: Michael Moore. Produção de Kathleen Glynn e Michael Moore. Roteiro: Michael Moore. Distribuidora: Paramount Pictures Brasil. EUA, Dog Eat Dog Films; Overture Films; Paramount Vantage, 2009. 1 cópia digital, formato RMVB (127min). Título original: Capitalism: a Love Story.

CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira (Org.). **Representação Social e Práticas Organizacionais**. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da Noção de Representação. **Fronteiras**, Dourados, v. 13, n. 24, p.15-29, 2011. Jul-dez. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1598/955> >. Acesso em: 30 ago. 2012.

COLNAGO, Camila Krohling. **A Comunicação Organizacional Como Fator Determinante Para a Construção da Imagem Institucional**. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.openthesis.org/documents/organizacional-como-fator-determinante-para-348095.html> >. Acesso em: 23 out. 2012

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2011. 216 p. 8. reimpr.

_____. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Papirus Educação).

FERRO, Marc . **Cinema e história**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1992. 143p.

FONSECA, Rosana; MORAES, Pedro Milton de; CHANON, Edna Maria Querido de Oliveira. Liderança e Representação social. In: CHANON, Edna Maria Querido de Oliveira. **Representação Social e Práticas Organizacionais**. Rio de Janeiro: Brasport, 2009. Cap. 3, p. 40-72.

GODÓI, Elena; RIBEIRO, Anely. A contribuição das ciências da linguagem para o estudo da comunicação organizacional. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Organizadora). **Comunicação Organizacional: linguagem, gestão e perspectivas**. Vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2009. Cap. 7, p.160-188.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papirus, 2008. Coleção Campo Imagético.

MELO, C. T. V. de. O documentário como gênero audiovisual. **Revista Comunicação & Informação (UFG)**, vol. 5, n. 1-2, p. 23-38, Goiânia, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP7MELO.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2012

MENEZES, Paulo. Les maîtres fous, de jean rouch:: questões epistemológicas da relação entre cinema documental e produção de conhecimento. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n.63, p.81-92, 01 nov. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092007000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 set. 2012

MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Cristina de (Org.). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: A B, 1998.

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOSCOVICI, Serge. **A representacao social da psicanalise**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1978. 291p.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, p.180-186, 2004. Jun. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200014>. Acesso em: 16 out. 2012

PADRÓS, Enrique Serra. Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). **O Século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 3 v.

PENAFRIA, Manuela . O ponto de vista no filme documental. In: XII Encontros Internacionais de Cinema Documental, 2001, Lisboa. Uma clareira no caminho das Estrelas - Olhar sobre uma década

de Documentário em Portugal, 2001. Disponível em:
<http://www.bahiadoc.com.br/media/pdf/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf> . Acesso em:
 02/11/2012.

PIMENTA, Marilu Ribeiro. **Moore than this!: Um estudo sobre o filme documentário de Michael Moore**. 2004. 1 v. 90 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Centro Universitário de Belo Horizonte. Belo Horizonte. Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/pimenta-marilu-filme-documentario-michael-moore.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2012

PUTNAN, Linda L.; PHILLIPS, Nelson; CHAPMAN, Pamela. Metáforas da Comunicação e da Organização. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Organizadores da edição original) e CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Organizadores da edição brasileira). Handbook de estudos organizacionais. Vol. 3. São Paulo: Atlas, 2004.

RAMOS, Arthur. **Introdução a psicologia social**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

SOUZA, G. Gênero, discurso e gêneros do discurso: contribuições de Carroll, Nichols e Bakhtin para o estudo do documentário cinematográfico. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Vol. X, n.2, p.104-110, maio-agosto, 2008. Disponível em: < http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/imagens/stories/pdfs_frenteiras/vol10n2/04.pdf >. Acesso em: 03 nov. 2012

VERGARA, Sylvia Constant; FERREIRA, Victor Cláudio Paradela. Teoria das Representações Sociais: Uma Opção Para Pesquisas em Administração. **Angrad**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.225-241, 01 jun. 2007. Abr-mai-jun. Disponível em: < <http://paradeladownloads.hd1.com.br/Artigos/Artigo%20RSANG.pdf> >. Acesso em: 19 ago. 2012.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes (Org.). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2006. 224 p.

WAIANDT, Claudiani; DAVEL, Eduardo. Organizações, Representações e Sincretismo: a Experiência de uma Empresa Familiar que Enfrenta Mudanças e Sucessões de Gestão. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. 2, p.369-394, 2008. Abr-jun. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-6552008000200005&script=sci_arttext >. Acesso em: 16 nov. 2012 .